

ALEXSANDER JOAQUIM DE OLIVEIRA

O que estão fazendo

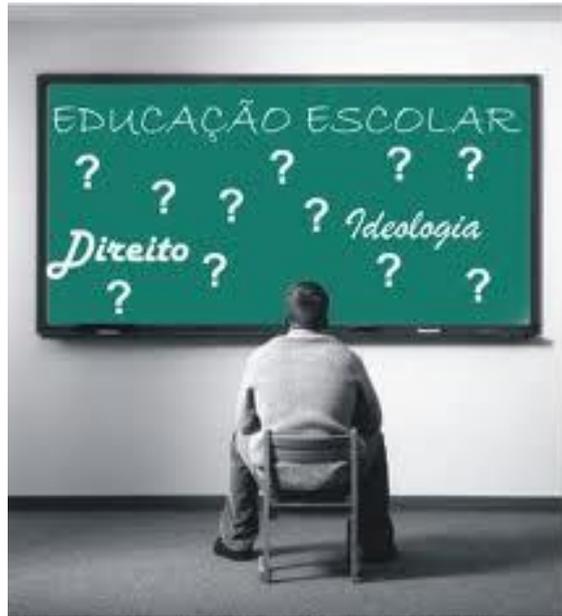


com a Educação?

Um guia para professores e pais a respeito das mudanças pedagógicas em curso

Alexsander Joaquim de Oliveira

O que estão fazendo



com a Educação?

Um guia para professores e pais a respeito das mudanças pedagógicas em curso

Dezembro de 2018



Certificado de Direito Autoral

CERTIFICADO Nº: AVCTORISf001e2b86015f05e886b86f08043a8ee383593c843775cb70bbe51690d1102f7
HASHCODE (SHA256)

O que estão fazendo com a Educação?

CERTIFICADO Nº: _____

TÍTULO DA OBRA _____

Nome do Arquivo: _____

HASHCODE(SHA256): _____

AUTOR(ES) _____

TITULAR(ES) _____

HASHCODE _____

OBSERVAÇÕES _____

Declarado em 14/12/2018 às 11:18

O presente certificado comprova, mediante as tecnologias de hashcode (SHA 256), TimeStamping (Padrão UTC fornecido pelo BIPM - Bureau International des Poids et Mesures) e Assinatura Digital que a pessoa supra indicada **declarou-se autor da obra supra citada**. O presente comprovante está em conformidade com: Berne Convention (INTL), Metre Convention (INTL), Lei 9.610 (BR), WIPO Copyright Treaty (INTL), US Copyright Law (US), UCC Geneva (INTL) e demais legislações pertinentes ao Direito Autoral de países membros da Convenção de Berna (INTL) e da Convenção do Metro (INTL).

O que estão fazendo com a Educação?

Alexsander Joaquim de Oliveira

Capa: Alexsander Joaquim de Oliveira (*imagem da internet*)

Ilustração: Alexsander Joaquim de Oliveira

Revisado por: Alexsander Joaquim de Oliveira

Email: alexsanderoliveira150@gmail.com

Dezembro de 2018

Local: Ibipitanga/Bahia.

DADOS:

Oliveira, Alexsander

O que estão fazendo com a Educação?

Produção independente, 2018.

Sumário

Agradecimentos	05
Introdução	06
Cap.1 - A revolução pedagógica em curso: a obra <i>Maquiavel Pedagogo</i>	09
Cap. 2 - Quem educa são os pais	16
Cap. 3 – Pierluigi Piazzzi: esse sim deveria ser uma referência	20
Cap. 4 - Professor: um profissional desprestigiado	29
Cap. 5 - Hipocrisia	38
Cap. 6 - Educação doutrinadora	49
Cap. 7 – E o <i>homeschooling</i> ?	62
Cap. 8 - Palavra final	66
Bibliografia	69
Sobre o autor	71
Sugestões de literatura	72

“Não adianta nada alguém estar na escola se de lá sai funcionalmente analfabeto e moralmente desvirtuado.” (Sílvio Matos)

“Parece existir uma curiosa dificuldade em exercer um pensamento reflexivo sobre a natureza real de uma instituição. Aceita-se como se aceita a atmosfera. Pouco se pensa sobre o ar até que se perceba alguma mudança, favorável ou desfavorável, e então o pensamento dedicado a ele passa a ser especial. É assim com certas instituições humanas. Sabemos que elas existem, que nos afetam de várias maneiras, mas não perguntamos quais são suas intenções originais, qual função está cumprindo de fato”. (Albert J. Nock)

“O problema da educação brasileira talvez seja o maior problema que a humanidade já tenha enfrentado.” (Olavo de Carvalho)

“A inteligência e o caráter são os objetivos da verdadeira educação!” (Martin Luther king Júnior)

“Sabe o que ocasionou todo esse desastre em relação ao ensino no Brasil? A mentalidade criminoso que considera a educação um benefício que o Estado dá ao indivíduo.” (Olavo de Carvalho)

*“O bem verdadeiramente mais escasso do século XXI não é a água... é a **inteligência!** A humanidade está sendo imbecilizada cada vez mais!” (PierluigiPiazz)*

“Creche, televisão, games, supervisão constante, conduta politicamente correta, educação sexual, distrações que não acabam mais. Eis o núcleo da educação infantil contemporânea, defendido e nutrido com carinho por seus teóricos e representantes. Nada disso funciona para coisa nenhuma. Pelo contrário, quase tudo que é aplicado hoje na educação das crianças coíbe a imaginação delas e torna-as dóceis carneirinhos prontos para o abate: a idiotização completa, perpetrada da juventude em diante pelos discursos ideológicos e as agendas globais de padronização comportamental.” (Anthony Esolen)

A cultura brasileira tem horror ao conhecimento”. (Olavo de Carvalho).

Agradecimentos

Ao Deus criador dos céus e da Terra.

À minha família: minha esposa Marli e nossos filhos Joabe e César.

Aos familiares e amigos em geral.

Introdução

Além de ser um profissional da educação e alguém que tem acompanhado as constantes mudanças ocorridas no sistema educacional, também sou formador de opinião.

Assim, resolvi escrever algo que possa trazer alguns esclarecimentos e alertar acerca de tais modificações nas escolas brasileiras nos últimos anos, uma verdadeira revolução pedagógica que está em curso.

Neste *e-book* externarei questões importantes no tocante à escola e ao sistema de ensino como um todo. Questões que precisam ser discutidas e analisadas, como, por exemplo, a transformação evidente quanto ao papel do professor e sua perda de autoridade em sala de aula, a exposição da realidade acerca do método sócio construtivista que perpetrou em nossas escolas nos últimos 30 anos, sendo que, com mais intensidade, na última década, de modo que na visão de seus idealizadores é a chave-mestra para o ensino no Brasil; além de falarmos da educação doutrinária, aquela em que o Estado objetiva manipular as massas disseminando conteúdos ideológicos de seu interesse utilizando a escola para este fim.

O título deste trabalho, “*O que estão fazendo com a Educação?*”, tem por objetivo trazer à tona exatamente o que é indagado, sem nenhum sentido figurativo ou coisa semelhante. A pretensão é provocar a análise por parte do amigo leitor no sentido de questionar e refletir: o que o Estado fez com o sistema escolar ao longo dos anos? Por que o ensino mudou tanto? Isso foi bom? Por que os professores não são mais a autoridade maior em sala de aula e não são respeitados como em outros tempos? Por que a família não participa mais de forma incisiva na educação de seus filhos? Por que alunos rebeldes, mal educados e vândalos agem como bem querem em sala de aula não sendo advertidos e nem punidos por seus atos de modo que a desordem impera no seio escolar? Por que não há mais cumprimento de regras nas escolas? Por que os diretores não são mais comprometidos com a questão pedagógica? Em fim, são muitas as perguntas a serem feitas referentes ao retrocesso pelo qual a escola atravessa, perguntas que acabam se resumindo em uma só: O que fizeram com a Educação? (por isso Educação escrita com e maiúsculo, ou seja, refiro-me ao sistema educacional).

A ideia de colocar em pauta todos esses questionamentos surgiu a partir da análise de diversos assuntos que venho observando nos últimos anos a respeito das transformações no ensino e, conseqüentemente, estudando acerca dos mesmos.

Transformações claramente prejudiciais. Além dos estudos, fiz um comparativo de como as coisas funcionavam em tempos passados, inclusive, na época em que eu era aluno; recordei-me de muitos professores que tive, do andamento e características da escola de antigamente.

Ao recordar do período em que comecei a trabalhar, no ano 2000, muita mudança também ocorreu de lá para cá. Incontestavelmente, havia mais progresso: respeito por parte dos alunos, menos “atribuições” massacrantes para o professor, mais dedicação e participação do alunado, e, principalmente, **os alunos aprendiam mais**, diferentemente do cenário atual.

Atrelado a todos esses questionamentos pessoais, após a leitura das obras do professor Pierluigi Piazzzi, e, posteriormente, ou, principalmente, do livro *Maquiavel Pedagogo*, de Pascal Bernardin, não tive dúvidas de que deveria produzir algo que de alguma maneira viesse a ser uma ferramenta de cooperação e reflexão para aqueles que estão envolvidos no contexto do sistema educacional e certamente almejantes de melhoria: pais, professores, funcionários em geral.

O que estão fazendo com a Educação? surge para simplesmente retratar a verdade: a educação brasileira **nunca foi prioridade para os governantes**. Como acontece em qualquer outra área que necessita de investimento por parte do governo, a questão da educação é de igual modo tratada com descaso, sendo valorizada apenas nos discursos, que são muito bonitos por sinal: a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394/2016) é sempre citada e a oratória é sempre no sentido de que a busca pela qualidade da educação por meio de investimentos é a meta, todavia, a meta com a qual os governantes realmente se preocupam são os índices: percentuais que influenciam a sociedade a acreditar em números que dizem, por exemplo, que o índice de analfabetos diminuiu, que a evasão escolar tem diminuído, que não há mais repetência (**e não há mesmo!**), que nossos alunos tem se desenvolvido muito em todas as áreas do ensino e que o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) corrobora esses resultados. Estatísticas, estatísticas e mais estatísticas...

Não bastasse todo esse falso investimento no sistema educacional, há um bode expiatório para quando as coisas começam a dar errado: o professor! Se algo não está saindo dentro do previsto no ensino, vão culpar a quem? O professor, não tenha dúvida. Uma observação interessante: a LDB relata em seu artigo 13 que os professores devem se incumbir de zelar pela aprendizagem dos alunos. Parece sutil, contudo, pode-se interpretar nas entrelinhas que, caso o aluno não aprenda, o docente tem que desenvolver outra

técnica ou metodologia; persistindo o não aprendido, muda-se novamente, não havendo aprendido algum por parte de determinados alunos, o docente tem seu trabalho considerado um fracasso. Bem típico do pensamento do professor e filósofo Paulo Freire: se não aprendeu é porque o professor não ensinou (ou não soube ensinar). Sobre esse professor de ideais marxistas e que tanto influenciou o sistema de ensino no Brasil nos últimos anos falaremos bastante mais adiante. Fato é que no processo educacional do Brasil o professor já foi o protagonista da escola, hoje, não mais. Portador do ensino, o mestre mantinha a visão e foco do trabalho no desenvolvimento do intelecto do aluno, na aplicação da disciplina, da ordem e do respeito como parte fundamental para o sucesso educacional, e os currículos escolares contribuía para a execução desse trabalho. Hoje, com as mudanças ocorridas na educação, um novo modelo de trabalho foi instaurado a partir de diretrizes e parâmetros que, na visão de Paulo Freire devem suscitar a necessidade de um reordenamento na estrutura funcional e organizacional do sistema. Em função disso, muitas foram as modificações: mudou-se o papel da escola, os conteúdos de ensino, a metodologia e a relação do professor com o aluno.

O que estão fazendo com a Educação? é amplamente antagônico ao politicamente correto e surge para provocar em todos nós uma reflexão acerca das transformações ocorridas ao longo dos últimos anos no sistema escolar. Tenho a consciência de que o amigo leitor pode discordar de muita coisa que lerá aqui, concordar com algumas, ficar perplexo e se admirar com muitas outras. Nada disso será problema. A única coisa que recomendo em relação àquilo que você por ventura discordar é que pesquise e estude a respeito para comprovar ou não o que relato aqui e assim tirar suas conclusões.

Fato é que nas últimas décadas diversas mudanças foram realizadas pelas “autoridades educacionais” do Ministério da Educação. O resultado todos tem contemplado, uma verdadeira catástrofe: currículos recheados de doutrinação sem ênfase no desenvolvimento do intelecto, alunos que não aprendem (e nem pensam), professores desrespeitados que não possuem mais autonomia, famílias coniventes, gestores omissos, hipócritas e politiqueiros e governantes preocupados com índices fantasiosos.

Chegou o momento de lutarmos por uma mudança que vá na contramão de tudo que tem ocorrido, ou, será tarde demais...

(os grifos são meus)

1

A revolução pedagógica em curso: as mudanças no ensino e o “*adestramento*” das massas: a obra *Maquiavel Pedagogo*

Não há como negar que nos últimos anos muita coisa mudou no que se refere ao sistema educacional do Brasil. A grande questão é saber se tais mudanças foram positivas ou negativas.

Em qualquer área, não sendo diferente em relação aos sistemas institucionais, conforme o tempo vai passando, busca-se aprimoramento e melhoria. Sempre acreditei que, no caso da escola, todas as mudanças ocorridas objetivaram o benefício dos seus principais personagens: os alunos. Estava enganado. Não se pode dizer que as transformações dos últimos anos tenham sido benéficas para aquele que é “peça” fundamental de seu contexto.

Há uma reforma pedagógica em andamento que tem causado modificações diversas na Educação: retirada da autoridade do professor em sala de aula, inversão de valores, como o fato da escola querer assumir o papel de educar, ou doutrinar, tirando essa responsabilidade dos pais, propagação de uma política de ensino que não se baseia mais no desenvolvimento cognitivo do aluno, antes, afirma a necessidade da escola se adequar ao chamado novo mundo, tendo como parâmetro a modificação dos valores e comportamentos, o que colocou como ineficiente e retrógrado o ensino de antigamente denominando-o de método tradicional, entre outras situações.

Nesse primeiro capítulo, nossa reflexão acerca destes problemas se dará através da análise de partes relevantes que selecionei do livro de Pascal Bernardin, *Maquiavel Pedagogo*, que trata da revolução pedagógica em curso, seguidas por alguns comentários. *Maquiavel Pedagogo* aborda o plano de revolução pedagógica que vem sendo colocado em prática em vários países da Europa, todavia, constitui-se em uma reflexão importante, pois, as mudanças já ocorridas e previstas no currículo brasileiro são condizentes com essa mesma programação. A referida obra constitui-se em um material valiosíssimo a respeito deste assunto. Vejamos:

*A reforma pedagógica que ocorre atualmente em numerosos países **quer substituir** os ensinamentos clássicos e cognitivos por um ‘ensino multidimensional e não cognitivo’ **que toque em todos os componentes da personalidade**: ético, afetivo, social, cívico, político, estético, psicológico. Trata-se de **esvaziar** os ensinamentos de seus conteúdos*

cognitivos para substituí-los por um doutrinamento criptocomunista e globalista, que vise a modificar os valores, as atitudes e comportamentos. Essas reformas pedagógicas doravante gozam de um amplo consenso entre os dirigentes da Educação Nacional e são veiculadas pelos IUFMs (Institutos Universitários de Formação de Mestres), o INRP (Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica), CNDP (Centro nacional de Documentação Pedagógica), os CRDP (Centro Regional de Documentação Pedagógica) e os profissionais das ciências da educação com o acordo tácito da FEN. (BERNARDIN, 2012, p. 86). Obs.: o grifo é meu.

A obra *Maquiavel Pedagogo* retrata muito bem tudo o que diz **respeito à reforma pedagógica mundial em curso**: o início da mobilização, objetivos, estratégias de implementação, o motivo pelo qual entendem que a escola é o principal mecanismo para divulgarem suas ideologias através de doutrinação e manipulação, o que particularmente chamo de *adestramento* das massas, além de expor detalhadamente quem são os personagens (instituições e organizações) que estão nos bastidores implantando-a e em quais países.

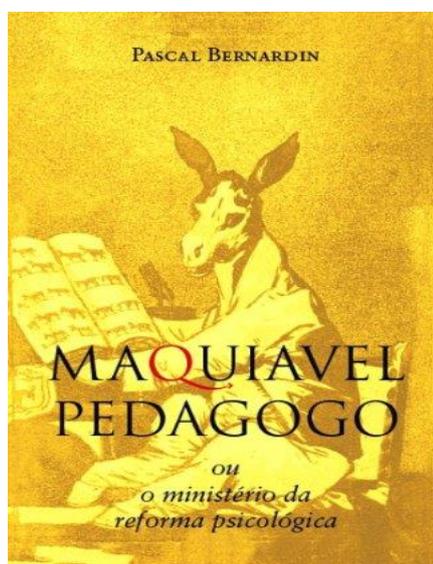


imagem da internet

Desse modo, para um melhor entendimento a respeito dessa questão, minha recomendação é que o leitor **faça a aquisição do livro**, contudo, para nossa compreensão, deixarei algumas passagens selecionadas desta obra, conforme citei acima, que considero serem muito significativas a respeito do assunto em pauta:

*Uma revolução pedagógica baseada nos resultados da pesquisa psicopedagógica está em curso **no mundo inteiro**. Ela é conduzida por especialistas em Ciências da Educação que, formados nos mesmos meios revolucionários, logo dominaram os departamentos de educação de diversas instituições internacionais: **Unesco**, Conselho da Europa, Comissão de Bruxelas e OCDE. Esta revolução visa impor uma “ética voltada para a **criação de uma nova sociedade**” e a estabelecer uma sociedade intercultural. (BERNARDIN, 2012, p. 9). Obs.: O grifo é meu.*

*Dentre os traços mais relevantes dessa revolução, é preciso destacar os seguintes: testes psicológicos, informatização mundial das questões do ensino, subordinação do ensino livre, **pretensão a anular a influência da família**. (BERNARDIN, 2012, p. 10). O grifo é meu.*

*Essa revolução pedagógica, **introduzida discretamente**, mediante discretas manobras, sem deixar ver sua arquitetura geral, precisa levar em conta **a resistência dos professores**, que jamais permitiram o aviltamento de seu ofício e de seus alunos. Desse modo, aplicam-se técnicas de descentralização, oriundas diretamente das técnicas de administração e de gestão de “recursos humanos”. Consegue-se com isso envolver, engajar psicologicamente os professores, e, portanto, **reduzir a sua oposição**. Os projetos escolares são a aplicação direta dessa filosofia manipulatória. (BERNARDIN, 2012, p. 12). O grifo é meu.*

Percebe-se diante da afirmação acima que há toda uma preocupação por parte dos “linha de frente” da revolução pedagógica quanto a aceitação (ou não) dos professores em relação à mesma. Diante disso, estratégias perspicazes tem sido elaboradas para que gradativamente tal reforma seja implantada, sem alarde, aos poucos. Prosseguindo:

*Dessa forma, o nível escolar **continuará** decaindo, o que, aliás, não surpreende, já que o papel da escola **foi redefinido** e sua missão principal **não consiste mais** na formação intelectual, e sim na formação social das crianças; já que não se pretende fornecer a elas ferramentas para a autonomia intelectual, mas antes se lhes deseja **impor**, sub-repticiamente, valores, atitudes e **comportamentos** por meio de técnicas de manipulação psicológica. Com toda nitidez, vai-se desenhando uma **ditadura psicopedagógica**. (BERNARDIN, 2012, p. 12). Os grifos são meus.*

As duas citações a seguir são importantíssimas! Observe:

*Em 1964 a **Unesco** publicou um importante trabalho intitulado “**A modificação das atitudes**”. Tal obra trata da atitude intergrupos – raciais, religiosas e étnicas - , contudo, as técnicas ali descritas remetem ao uso de manipulação e controle psicológicos. O autor visa explicitamente à difusão das técnicas de manipulação psicológica **nas escolas**. Um dispositivo assim, **uma vez estabelecido**, poderá ser aplicado para **mudar** as atitudes sociais em geral ao arbítrio dos **interesses dos governantes**. (BERNARDIN, 2012, p. 39 e 40). O grifo é meu.*

*A proposta do referido documento da Unesco é **a redefinição do papel da escola e o ensino não cognitivo e multidimensional**: intelectual, mas sobretudo ético, cultural, social, **comportamental**, e até mesmo político e espiritual. (BERNARDIN, 2012, p. 49). O grifo é meu.*

Cabe aqui salientar que para a concretização dessa revolução pedagógica, o documento da Unesco, *A modificação das atitudes*, expõe a necessidade de **mudança de atitude por parte do professor**, propondo que este se engaje em atividades no exterior da escola e fora do currículo de modo a guiar e aconselhar os alunos e os pais, organizando as atividades de seus alunos durante o lazer. Para muitos, pode passar despercebido, porém,

se observarmos atentamente tal afirmativa, veremos claramente que a pretensão com isso é que o professor atue além da sala de aula, **interfira** na vida pessoal do aluno, inculcando-lhe a necessidade de uma mudança de comportamento, interferindo, se preciso for, na atuação dos pais, assumindo de igual modo a responsabilidade de educar **que é exclusiva da família**. Em relação a essa questão o professor e filósofo Armindo Moreira diz:

*“O professor **não deve educar**. Isso é papel da família. Um ensino de qualidade é aquele que dá ao cidadão aquilo que ele precisa. E o que ele precisa? **Conhecimento**.”* O grifo é meu.

Mais adiante falaremos de maneira mais específica sobre esse assunto no capítulo: *Quem educa são os pais*. Continuando com as passagens importantes de *Maquiavel Pedagogo*:

*Fato é que muitos pais julgam esses “ensinos” não cognitivos em seu justo valor e sabem que as reformas em curso penalizarão as crianças, que chegarão à fase adulta desprovidas de recursos culturais. Compreende-se **sem dificuldade** que eles se ergam contra esse aviltamento dos indivíduos e da educação que, **longe de ser democrática**, priva as camadas mais humildes de toda perspectiva de emancipação intelectual e social, enquanto reforça mais e mais as facilidades financeiras e intelectuais que possuem as camadas superiores para instruir as crianças.* (BERNARDIN, 2012, p. 54 e 55). O grifo é meu.

Ainda conforme Pascal Bernardin, o documento da Unesco chega ao extremo de intitular alguns pais de alunos de determinada escola de um país africano que rejeitaram um trabalho realizado com base no ensino multidimensional e exigiram o retorno de exames tradicionais que valorizasse o desenvolvimento cognitivo, como **peças habituadas a uma seleção orientada pelo fracasso**. (p. 55). (O grifo é meu)

Diante disso, me pergunto: um ensino que prioriza o cognitivo do aluno, o intelecto, a aquisição do conhecimento mediante o aprendizado da leitura, escrita, interpretação e cálculo deve ser considerado um modelo fracassado? Continuando:

*No instante em que numerosas vozes se erguem na França para exigir uma renovação da educação cívica e ética, precisamos tomar conhecimento da estratégia adversária: os elementos constitutivos da nova ética são os seguintes: Os direitos humanos, a bioética, os direitos das crianças (temível arma contra a família), educação para a paz, desarmamento, civismo pacífico, fraternidade humana, educação para o meio ambiente, criação de um mundo mais justo e solidário, experiência de vida em sociedade multicultural, tolerância, paz no espírito dos homens. Percebe-se aí, **sob uma hábil apresentação**, a retórica **criptocomunista**.* (BERNARDIN, 2012, p. 58). O grifo é meu.

Agora pasme com essa outra afirmação que está contida no documento da Unesco, na página 62:

*No caso da educação familiar, na maior parte do tempo, essa transmissão **não é consciente**. Os conselhos e ordens dados pelos pais e avós, além de contraditórios, **não tornam o indivíduo educado, consciente de sua liberdade pessoal e das escolhas éticas que ele poderia fazer**. Essa transmissão implícita compreende os valores tradicionais ligados ao meio social ou a um meio religioso em particular. Em resumo, para **superar** esse modo pouco seguro de transmissão rumo a uma tomada de consciência pessoal e a uma escolha de valores universalmente válidos, é necessária uma educação formal que explicita esses valores. **Essa explicitação pode e deve ser feita pela escola** para que cada criança e jovem possa, **livremente**, formar uma consciência ética e desenvolver atitudes e **comportamentos** fundados sobre o respeito ao outro, a compreensão **do bem comum** à humanidade, ou seja, os direitos humanos e a paz. (Unesco).*

Subtende-se, melhor dizendo: **está explícito**, conforme a colocação acima, que pai e mãe não tem condições de educar seus filhos sozinhos nem transmitir aos mesmos valores e ensinamentos que farão deles pessoas dignas na sociedade e com capacidade de saberem escolher. Seguindo esta desastrosa linha de pensamento, há outra afirmativa extraída do documento *Conselho da Europa* totalmente tendenciosa em que se relata que a escola **não pode limitar-se a apenas ensinar**, ela é portadora de valores, e, portanto, deve transmiti-los. Agora observemos esta colocação de Pascal Bernardin acerca do assunto em questão:

*A manobra destinada a modificar os valores **articula-se** assim: **primeiro se impede a transmissão, principalmente por meio da família**; face ao caos ético e social daí resultantes, torna-se imperativo o retorno de uma educação ética – controlada pelos Estados e organizações internacionais, **e não mais pela família**. (BERNARDIN, 2012, p. 66). O grifo é meu.*

Pretende-se cometer uma verdadeira mutilação psicológica, que deve amputar das gerações futuras as suas raízes, bem como lhes impossibilitar toda a verdadeira compreensão política. (BERNARDIN, 2012, p. 73).

*Seria de todo ilusório esquivar-se do problema (a revolução pedagógica em curso) fechando os olhos, querendo acreditar que não darão os resultados previstos. A título de exemplo, assinalemos que as técnicas de descentralização foram experimentadas na China e em Portugal, onde verdadeiramente **revolucionaram o sistema educacional**. Os grifos são meus.*

Por fim, há muita coisa acontecendo nos bastidores da Educação, tanto aqui no Brasil quanto mundo afora. Um silencioso, antidemocrático e terrível plano encabeçado por organizações internacionais de renome como a Unesco, OCDE, Conselho da Europa, Comissão de Bruxelas, entre outras, que visa **redefinir o papel da escola** tornando-a um

mecanismo de revolução cultural, modificando completamente os valores, atitudes e comportamentos das pessoas em escala mundial, baseado no ideal revolucionário de Antônio Gramsci (informe-se e leia sobre o *gramscismo*).

Em alguns países o referido projeto encontra-se em estágio mais avançado, como é o caso da França, em outros, como o Brasil, vem sendo implantado aos poucos, mas, é possível perceber (a não ser que sejamos muito ignorantes) nitidamente que o plano está sendo colocado em prática: as políticas adotadas pelo Ministério da Educação nos últimos anos que se amparam em ideologias *marxistas*, mudanças nos currículos escolares, entre outras situações, demonstram claramente a veracidade do que estamos afirmando.

Fato é que precisamos nos manter informados. Na condição de pais e professores, não podemos acatar passivamente tudo que nos é apresentado pelo Estado como “bom” para a educação de nossos filhos. Somos seres pensantes e o questionamento deve sempre estar presente.

Para finalizar, mais alguns textos importantes da obra de Pascal Bernardin. Observe-os:

*Naturalmente não se poderia compreender a história quando se busca sistematicamente ocultar todos os elementos que, opostos à ideologia oficial, são não obstante um de seus autênticos motores. Assim, **pretende-se** cometer uma verdadeira mutilação psicológica, que deve amputar, das gerações futuras, as suas raízes, bem como lhes **impossibilitar toda a verdadeira compreensão política**. (BERNARDIN, 2012, p. 74).*

*Lembremos que tais ensinamentos não cognitivos e sociais se fazem em detrimento da formação intelectual, com vinte por cento da geração das pessoas abaixo dos 25 anos não alcançando o domínio da leitura e da escrita. Essas pessoas não conseguem formar nelas mesmas uma opinião sem sofrer uma doutrinação precoce. **Nem todo tem, necessariamente, a mesma opinião que o governo sobre os importantes problemas do mundo**. (BERNARDIN, 2012, p. 108).*

*Há um trabalho em segredo para **a destruição ou subversão da fé, objetivo maior do globalismo**. Entretanto, nos é forçoso reconhecer que a influência ideológica das instituições internacionais e das teses revolucionárias estendem-se para além de suas fronteiras naturais. (BERNARDIN, 2012, p. 130).*

*Jonh Dewey, pedagogo norte-americano que esteve à frente da revolução pedagógica é considerado o pai da pedagogia moderna. Um de seus alunos, Elwood Cubberly, tornou-se chefe do departamento de educação de Stanford, que acolheu William Carr, um dos fundadores da Unesco. Para Dewey, a **socialização** deve-se fazer acompanhar pela **destruição da cultura, da instrução e da inteligência**, noção puramente individual. (BERNARDIN, 2012, p. 138).*

*Quaisquer que tenham sido suas limitações, o ensino das décadas anteriores oferecia a cada um possibilidades de emancipação, tanto intelectuais como culturais e individuais, profissionais ou sociais, **bem superiores às do sistema que vigora atualmente**. (BERNARDIN, 2012, p. 141).*

*Não existe qualquer contradição entre democracia aparente e socialismo. O controle psicológico, por intermédio da educação, da mídia, da gestão de empresas e do controle social, realizado graças à descentralização de todas as atividades, e não da educação apenas, conduz a uma sociedade igualmente totalitária, na qual os modos primitivos de controle foram substituídos por técnicas de controle **não aversivas, das quais o povo não tem consciência.** (BERNARDIN, 2012, p. 147).*

*Eis as palavras proferidas por um conselheiro de Estado chinês em seu discurso de abertura de um seminário de alto nível na Unesco: “Adentramos o século XXI. O desafio que a educação deve enfrentar é global e severo. Por essa razão, a missão da educação será árdua e gloriosa. Nesse vigésimo primeiro século, aquele que controlar a educação terá a iniciativa. O conceito de educação **deve ser renovado.** A educação será permanente; a sociedade em seu conjunto terá sob os olhos; a estrutura da educação será mais flexível e **mais diversificada,** formando uma rede que se estende por todo o conjunto da sociedade”. (Unesco). (BERNARDIN, 2012, p. 154).*

E por fim:

*O papel da escola **está em vias de ser radicalmente redefinido** por meio de um processo antidemocrático no qual as reformas são introduzidas sub-repticiamente, sem expor nada do que está nelas implícito e sem jamais mostrar nem sua lógica nem sua finalidade real: **a “mudança” social.** (BERNARDIN, 2012, p. 156). Obs.: todos os grifos são meus.*

Para nos inteirarmos concernente a toda essa problemática e estarmos bem informados, a aquisição da obra de Pascal Bernardin, *Maquiavel Pedagogo*, é indispensável. Reitero que extraí algumas informações da referida literatura que considere bem pertinentes para compartilhar com você, amigo leitor, mas, certamente nada que se compare ao fato de você tê-la em mãos e “mergulhar” em 161 páginas que lhe esclarecerão profundamente a respeito de toda a revolução pedagógica em curso arquitetada pela Nova Ordem Mundial, ONU e Unesco que pretendem em pouco tempo mediante uma filosofia manipuladora e doutrinária transformar os povos em massas ignorantes e submissas às classes governantes. Fica a dica.

O que mais é lamentável diante de tudo isso é a constatação de que a escola já não possui mais aquela imagem de um lugar seguro para nossos filhos. Seja seguro no sentido de seguridade mesmo ou seguro no sentido de ofertar um ensino de qualidade. A escola não tem sido mais um lugar de confiança.

Nada disso é invencionice, muito menos teoria da conspiração. Fiquemos atentos!

Os grifos são meus.

2

Quem educa são os pais

Tenho acompanhado estarecido o que vem acontecendo nos últimos anos no cenário educacional: as escolas “estão se esforçando” para não serem mais chamadas de instituições de ensino. Não há limites, **não há mais regras!** Alunos que fazem o que bem querem e ainda agem com a maior naturalidade. São muitos comportamentos intolerantes, desde agredir verbal e até fisicamente outros colegas ou professores, o *bullying* se tornou algo super normal, fazem pontos de vendas de drogas, rolam até prostituição e promiscuidade em plena sala de aula, entre tantas outras coisas. Tudo isso por consequência do não cumprimento das regras na escola, falta de limites no lar e pais coniventes que nunca souberam dizer “não”. Evidente que aqui não estou generalizando, contudo, em uma análise que retrate um contexto geral, essa é a situação.

Costumo dizer que muitas unidades escolares possuem Regimento Interno e Colegiados Escolares apenas como “instrumentos de enfeite”, pois, direção e secretarias preferem agir de maneira conveniente entendendo que é a melhor opção, preferem não se expor, não contrariar ou “bater de frente” com os “filhinhos de papai”. Entendem que uma “boa conversa” e um pedido para que as atrocidades não se repitam é o suficiente. Vez por outra que os pais são enquadrados para tomarem partido e providências quanto às imbecilidades e mau comportamento do filho, mas, a verdade é que segue-se o desenfreio total em boa parte das escolas pelo país. De acordo o professor Pierluigi Piaggi:

*As escolas brasileiras estão cheias de excelentes professores que **não conseguem** dar aulas decentes porque se defrontam com um bando de alunos mal educados **que recebem** o apoio da família quando essa má educação é questionada. (PIAZZI, 2014, p. 67).*

Relata também:

*As escolas particulares vivem em pânico com medo de perder alunos, e a questão financeira se sobrepõe à pedagógica, **gerando uma intolerância que leva ao caos**. Antigamente, ao ocorrer um problema entre um professor e aluno, a família era chamada para enquadrar o aluno. **Hoje, quem é enquadrado é o professor!** (PIAZZI, 2014, p. 53). Os grifos são meus.*

É lamentável contemplar essas situações complicadíssimas: a negligência e falta de postura dos pais quanto a exercerem autoridade sobre os filhos, esquivando-se de tal

responsabilidade e transferindo-a para a escola e também as mudanças no sistema de ensino que pretendem fazer com que a escola detenha um papel doutrinário assumindo a função de educadora, uma inversão total!

Apesar de boa parte das escolas não possuírem regras (ou seja, até possui no papel, mas não as colocam em prática) verdade precisa ser dita: **se não há regras e respeito em casa, não adianta esperar que haja bom comportamento na escola.** A negligência e omissão da família tem colaborado significativamente para o modelo de aluno que temos nos dias atuais! Não deveria ser assim, o estudante tem que saber respeitar o professor, enxergar nele a autoridade maior em sala de aula. Dizer: Senhor, professor! Tudo isso só é possível mediante uma boa orientação no lar.

Um aluno adquire o bom comportamento em casa, através da educação familiar. À família pertence o papel de educar para a vida, e, por vida aqui subentende-se a postura respeitosa para com os amigos, mais velhos e autoridades, como por exemplo, o professor; a maneira correta e honrosa de se comportar em sociedade, a aquisição e prática dos valores essenciais para o convívio em sociedade. Observa-se que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) aborda em seu artigo 19 que toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado por sua família. Muitas partes da redação que compõem o ECA podem ser discutidas e questionadas por alguns estudiosos, todavia, essa é uma grande verdade: quem educa são os pais. Os pais são os principais condutores e responsáveis pela formação de seus filhos: formação de caráter, acima de tudo!

É no seio familiar onde os filhos se educam, onde adquirem laços de afeto que proporcionam um ambiente adequado para que a educação se desenvolva. Desse modo, os pais são essenciais para a formação da pessoa. É através da educação familiar que os valores adquiridos e trabalhados nos filhos irão se transformar em uma “marca registrada” em suas vidas no futuro, retratando o homem ou mulher que ele, ou ela será no amanhã.

Já no caso da escola, a esta cabe o ensino. Ensinar a criança a ler, escrever, interpretar, calcular, transmitir conhecimento teórico e complementar os valores que devem ser aprendidos em casa, simples assim. Entretanto, o que mais podemos presenciar são alunos mal educados e desrespeitosos, pais que não educam mais e escolas sem regras. Além disso, as constantes reorganizações no sistema de ensino definitivamente não estão tendo como prioridade a aprendizagem dos estudantes, mas, um ensino de caráter doutrinador.

Interessante salientar que na relação entre os pais e a escola é importante que haja um **entendimento entre as partes** de que precisam estar em harmonia no tocante à

educação da criança para que seu desenvolvimento na escola seja satisfatório. Essa ponderação feita no sentido de que aos pais pertence a primazia na educação dos filhos não coloca a escola à parte na função educativa. Não estou me contradizendo, apenas ressaltando que deve haver uma relação natural entre paternidade e educação. Sabemos que existem inúmeras dificuldades enfrentadas pelos adolescentes, como crises de rebeldia, por exemplo, e, diante de situações como estas, a escola pode sim ter uma ação colaboradora junto à família, auxiliando os pais através de formações e orientações por meio de profissionais preparados para tal, como aqueles que integram as equipes multidisciplinares em muitas escolas.

O importante é que cada uma dessas instituições venha atuar conforme o que lhe compete: a escola ensina e a família educa. Não se pode querer complicar mais aquilo que já está desastroso. **Antigamente** a qualidade do ensino era muito boa, havia disciplina e respeito nas escolas, a família exercia seu papel, tudo cooperava para o aprendizado do aluno. Hoje, com a decadência de ambas as instituições (escola e família) tudo se complicou. As chamadas “autoridades educacionais” não querem outra coisa, senão, mostrar estatísticas fictícias, um verdadeiro faz de conta. Nossas escolas não estão passando de um verdadeiro teatro. Como disse certa feita um professor amigo meu: “os professores estão fingindo que dão aula e os alunos fingem que aprendem”. É mais ou menos por aí mesmo...

Diante do quadro que se apresenta, penso que as escolas devem retornar à essência do ensino priorizando o trabalho voltado para a **transmissão de conhecimentos**, complementar os valores primordiais à vida, deixar a politicagem e conveniências de lado, resgatar a importância e princípio do cumprimento de regras no ambiente escolar para que haja ordem, disciplina e respeito, além de trabalhar organizadamente, e com parcerias, a inserção da família no contexto escolar, como por exemplo, por meio de projetos que conscientizem a mesma de que a ela pertence o papel e responsabilidade de educar. Verdade que não se trata de algo fácil, contudo, o primeiro passo precisa ser dado, e, esse passo está diretamente ligado a uma mudança de atitude na política escolar. O grande entrave é que para as “autoridades educacionais” do MEC, palavras como *resgatar* e *retornar*, principalmente quando relacionadas a situações que remetam ao ensino de antigamente, não são muito levadas em consideração, chamam de ensino tradicional, colocam como algo extremamente retrógrado.

Não podemos negar que os avanços tecnológicos e os inúmeros instrumentos sofisticados inseridos no ensino vieram para contribuir significativamente com a educação,

de modo algum. O *modus operandi* não é o mesmo de dez, quinze ou vinte anos atrás, evidente que não; todavia, o que trato aqui ao mencionar o retrocesso no contexto educacional nos últimos anos nada tem a ver com a questão do uso ou não das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas escolas. A questão é que mudaram-se os objetivos por parte do sistema e também a postura dos personagens do contexto educacional.

Assim, é manter a expectativa e crença de que uma “luz possa surgir no fim do túnel” e que dias melhores virão sobre nossas escolas, e, um passo importante nesse sentido é sem dúvida a reassunção de seus papéis; refiro-me à escola e à família.

(os grifos são meus).

3

Pierluiggi Piazzzi: esse sim deveria ser uma referência!

Filósofo, pedagogo, e educador com títulos de *honoris causa* em faculdades tarimbadas no mundo como Oxford, Cambridge e Harvard, autor das famosas obras *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*, participante ativo do sistema de educação de países como Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, professor na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); no final dos anos 1980 foi secretário de Educação no Município de São Paulo, além de ter enfrentado um exílio nos anos 1970. Esses são alguns pontos de destaque da biografia de Paulo Reglus Neves Freire, ou simplesmente, Paulo Freire, **o patrono da educação brasileira**, um ícone, uma referência quando se fala em educação no Brasil. (o grifo é meu).

Desde minha época de estudante ouvia falar de Paulo Freire. Ao longo de uma jornada de quase vinte anos como professor, certamente seu nome foi um dos que mais ouvi em encontros e formações. O modelo de ensino brasileiro se ampara em Paulo Freire: suas obras, sua pedagogia, sua experiência como “educador”, as plataformas de ensino levam seu nome, em fim, Paulo Freire é inspiração e referência para muitos professores brasileiros e para o sistema de ensino como um todo. Diante disso, devemos concordar que este fato se trata de algo bastante coerente não havendo razões para questionamento neste sentido. Será???

Pois bem, em qualquer situação em que algo nos é apresentado é muito importante termos a consciência da necessidade de questionamento. Por mais que tenha aparência atrativa, antes de aceitarmos aquilo que nos é oferecido e colocado como inquestionável, precisamos, por meio de várias análises, concluir se realmente se trata de algo bom, produtivo, interessante e benéfico, ou se na verdade deve ser descartado, evitado, rejeitado.

No que se refere a Paulo Freire e toda sua influência na educação brasileira, já fiz essa pergunta a mim mesmo por diversas vezes. Sempre tive alguns questionamentos a respeito de seus métodos, então, parti para a investigação e passei a ler bastante a seu respeito. Sempre há o outro lado da história, e, no caso de Paulo Freire eu descobri esse outro lado, o lado que jamais nos foi apresentado pelas autoridades educacionais, pelos mestres e palestrantes de renome no cenário educacional do Brasil.

Com base em tudo que li a seu respeito, bem como a observância do rumo que a educação no Brasil tomou após o *sócio construtivismo*, a conclusão a que chego é: o modelo inspirado em Paulo Freire **não é o melhor caminho**. Acredito que dentre tantas virtudes que um homem pode ter, uma delas é saber reconhecer quando está errado ou que esteve no erro durante muito tempo a respeito de determinadas ideias ou pessoas, e, conseqüentemente, mudar de posicionamento a respeito; assim aconteceu comigo em relação a Paulo Freire. Foram várias leituras de diversos materiais, dos quais os mais importantes serão citados na sequência, e análises de conteúdos (confiáveis) da internet sobre Paulo Freire, onde autores sérios, preparados e preocupados com a educação tem desmistificado e revelado o verdadeiro caráter das publicações, métodos e personalidade de sua pessoa.

Para começar, vou citar Thomás Giuliano, autor de *Desconstruindo Paulo Freire*. Ele questiona de forma contundente o porquê de tamanha devoção de boa parte dos pedagogos brasileiros a Paulo Freire sem **nunca terem lido** seus escritos. Relata também a aversão existente por parte desses pedagogos para com aqueles que criticam ou questionam esse modelo (como eu estou fazendo). A análise de Thomás Giuliano também envolve diversas perspectivas úteis a todos os pais, professores e jovens que desejam entender melhor o tamanho da enrascada em que se meteram. Recomendo o livro.

Há respeito do “fenômeno” Paulo Freire e seus métodos, há uma afirmação interessante de Jeferson Vianna, em seu artigo *Paulo Freire e o assassinato do conhecimento*:

*Paulo Freire era adepto da **teoria marxista e a sua aplicação na educação**, implantando a luta de classes no ambiente escolar, dizendo que o problema educacional era social, que os menos favorecidos tinham que ser introduzidos na política, com uma das suas teorias mais conhecidas, a Pedagogia da Libertação, onde incorpora-se que não existe educação neutra. **Aí está uma das origens da nossa já conhecida doutrinação marxista nas escolas e universidades, que em vez de formar cidadãos e profissionais para o crescimento do país, forma soldados dispostos a defender com unhas e dentes o marxismo no meio acadêmico.** Na sua principal obra, Pedagogia do Oprimido, Freire exalta a teoria da Ação Antidualógica, onde centra-se a “ação dos dominadores”, que preferem manter a divisão, para poder continuar a opressão e manter a manipulação, deixando as classes menos favorecidas fracas e facilmente manipuladas. Nada mais que a luta de classes proposta pelo alemão Karl Marx, só que com outras palavras. **Paulo Freire participou da última grande reforma educacional brasileira, ocorrida em 1996 durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Os resultados de tal reforma estão aí para todos nós vermos. Nossa educação continua atrasada, doutrinária e fraca.** Enquanto a educação brasileira for baseada no método freireano o resultado continuará sendo o mais desanimador possível, com o nosso país caindo ainda mais no ranking do PISA (Programa internacional de avaliação de alunos) com o desempenho pífio de nossos alunos, que em vez de priorizada uma educação formativa, tem aulas de marxismo que corrompem a mente de nossas crianças*

e adolescentes em prol de uma revolução cultural. Paulo Freire tem uma grande colaboração nesse resultado triste para o futuro de nosso país. Precisamos urgentemente de mais mentes pensantes no futuro para ajudar no crescimento de nosso país, não de mais soldados socialistas. (os grifos são meus).

O professor Pierluigi Piazzzi diz a respeito do método construtivista:

*O construtivismo foi uma tentativa absolutamente equivocada de querer melhorar as coisas e que, na realidade, acabou **destruindo o pouco que havia de bom em nosso sistema escolar.** (PIAZZI, 2012, p. 29).- o grifo é meu.*



imagem da internet

Paulo Freire teve forte ligação com o marxismo, assim, é possível compreender porque sempre promoveu um modelo de educação com características doutrinárias, não focada no desenvolvimento do intelecto. Karl Marx não tinha interesse em que as pessoas raciocinassem, mas que simplesmente concordassem com seus ensinamentos sem questioná-los. Penso ser esse um fator que constitui-se em motivo suficiente para que a figura de Freire seja questionada por ser parâmetro para a educação brasileira, apesar de alguns defenderem que ele não era marxista.

Pois bem, estarei discorrendo mais adiante e com mais detalhes sobre Paulo Freire e o sócio construtivismo na educação; com esse ponto de partida meu objetivo foi apenas mostrar aos queridos leitores (principalmente, você professor) que diante da catastrófica situação do ensino no Brasil, muita coisa precisa ser questionada, e as estratégias adotadas pelo patrono da educação brasileira devem fazer parte desses questionamentos.

Após esses esclarecimentos iniciais acerca de Paulo Freire, homem referência para o ensino escolar no Brasil e conhecido pela maioria dos docentes, mesmo que seja de ouvir falar, quero então apresentar-vos Pierluigi Piazzzi, ou simplesmente, professor Pier, mestre

de posicionamentos que vão de encontro aos métodos freireanos. Autor de obras valiosíssimas para professores, alunos e pais, homem que dedicou sua vida à educação procurando mostrar que a escola deve ter como foco o desenvolvimento do intelecto do aluno, onde se **prioriza a aquisição do conhecimento** e o aprendizado dos valores essenciais para a vida. Pier era totalmente contrário a um modelo de educação que tenha como âmago questões ideológicas e comportamentais.

Já li e recomendo para todo professor as obras de destaque do professor Pier, e, confesso que foi depois disso que meu conceito mudou bastante em relação a diversas questões referentes à educação. Aliás, antes de conhecer o professor Pier eu era uma profissional, possuía um entendimento que considero distorcido, agora, minha visão é outra, completamente diferente. Os escritos de Pierluigi Piazzi simplesmente causaram uma revolução em meu ser, passei a ver a educação de outra forma. As dúvidas que pairavam foram esclarecidas.

Algumas indagações tenho feito: por que nunca ouvi falar do professor Pier nas escolas? Nem quando estudava e nem depois que comecei a lecionar. Por que seu nome não é mencionado? Por que ele não é citado pelas “autoridades educacionais” do Ministério de Educação? Por que não há alusão sobre sua pessoa? Não é colocado como referência em nada relacionado ao ensino. É no mínimo muito estranho...

Pois bem, Pierluigi Piazzi, ou professor Pier, nasceu na Itália em 1943, em meio à Segunda Guerra Mundial, chegou ao Brasil em 1954. Naturalizado brasileiro, durante sua vida, trabalhou como garçom, confeitiro, motorista, topógrafo, tratorista e químico, até finalmente seguir sua vocação: começou a dar aulas de Física em cursinhos pré-vestibulares, onde preparou mais de 100 mil alunos. Também lecionou as disciplinas de Inteligência Artificial e Configuração de Redes Neurais para alunos de Engenharia da Computação. Por mais de dez anos viajou pelo Brasil visitando centenas de escolas, onde ministrava palestras para alunos, pais, professores e coordenadores. Formado em Física pela Universidade de São Paulo, o professor Pier também foi, durante mais de trinta anos, membro da *Mensa*, uma organização internacional que se dedica, conforme consta seu estatuto, a **identificar e cultivar a inteligência humana para o benefício da humanidade**, proporcionar um ambiente social e intelectualmente estimulante para seus membros e encorajar pesquisas sobre a natureza, características e **usos da inteligência**.

Ao aliar a sua experiência como professor e os conhecimentos adquiridos ao lecionar Inteligência Artificial e Configuração de Redes Neurais num curso de Engenharia da Computação, conseguiu identificar os erros no sistema educacional brasileiro. Considerado

um dos nomes mais influentes na ficção científica do Brasil, além de ter sido co-fundador da Editora Aleph. Também foi um educador muito prestigiado por conta do sucesso em seus cursos. Como escritor, dedicou-se à Neurolinguística em que publicou vários livros sobre o assunto buscando tratar do assunto de forma didática e acessível ao público em geral. Isso lhe conferiu nos últimos anos grande destaque na mídia e também lhe rendendo várias palestras pelo Brasil. Pier faleceu em março de 2015, aos 72 anos. *(os grifos são meus)*.

Após esse resumo da biografia do professor Pier, vou trazer algumas reflexões a respeito de sua pessoa e metodologia de trabalho a partir da análise de suas obras sobre inteligência e de algumas outras leituras, que, particularmente, acredito serem muito mais significantes para credenciar alguém a ser referência para nossas escolas. Para começar, no artigo, *O legado de Pierluigi Piazzi*, de Fernando Boaglio, há o seguinte registro:

*Sabemos que o mundo já teve pessoas inteligentíssimas, mas pouquíssimas conseguiram repassar aquilo que aprenderam. O Professor Piazzi tinha um QI de 184 (sim, o cara era um gênio) e uma didática excelente, pois foi radialista da Jovem Pan e professor do cursinho Anglo Vestibulares. Por conta **de seu intelecto** era membro da Mensa Brasil, uma entidade mundial que reúne as pessoas de QI elevado. Muito famoso nos anos 80/90 com os livros e video-aulas de MSX (linha de computador pessoal de 8 bits), algo que se destacava além de sua inteligência tecnológica, **era a capacidade de traduzir toda a complexidade para um leigo entender perfeitamente**. E o português nem era o seu idioma nativo, ele era nascido em Bologna, na Itália e veio aos 13 anos para o Brasil. O professor Pier teve milhares de alunos em sua carreira, suas aulas eram famosas. Deixou-nos um importante legado como a orientação de como descobrir o **prazer da leitura ao dizer que é necessário que a pessoa leia, que comece a ler alguma coisa**, e, se não gostar, pegar um livro de outro assunto até que certamente haverá uma hora em que o indivíduo acertará e tomará gosto pela leitura. A recomendação de que nunca se deve obrigar alguém a ler, antes, deve-se incentivar a busca pelo prazer da leitura. Pier sempre insistiu em que **para exigir que o companheiro(a)/filho(a) leia, é preciso que a pessoa faça a sua parte** – para que o seu filho tenha o hábito de ler, será mais fácil se ele ver que você faz a mesma coisa, você é a referência dele, portanto imitar ao pai/mãe é mais fácil. Pier propagou um tema fundamental: **matéria dada é matéria estudada, hoje** – para fixar algo na cabeça essa é a melhor fórmula, onde você aprende, e não simplesmente decora para passar na prova. E o **hoje** na frase é importantíssimo, pois se deixar para o outro dia será tarde demais. (Os grifos são meus).*

O professor Piccini também relata algo importante em um de seus artigos a respeito do professor Pier ao falar sobre seus sete ensinamentos especiais para o sujeito **desenvolver a inteligência em provas e concursos**. Deixarei apenas o registro dos sete (07) ensinamentos. Para leitura do artigo completo, o *link* estará na bibliografia:

Os sete ensinamentos de Pierluigi Piazzi: 1º Ensinamento: Não desista de aprender diante das dificuldades. 2º Ensinamento: Você aprende aos poucos. 3º Ensinamento: Estude menos e aprenda mais. 4º Ensinamento: Na aula você não aprende, você entende. 5º Ensinamento: Aprenda a estudar sozinho. 6º Ensinamento: Desenvolva o aprendizado Ativo. 7º Ensinamento: Desenvolva o gosto pela leitura.

Tive o privilégio de ler suas principais obras: *Aprendendo Inteligência*, *Estimulando Inteligência* e *Ensinando Inteligência*. E, para reforçar a importância da figura de Pierluigi Piazzini para a Educação, compartilharei algumas de suas falas e pensamentos contidos nas referidas literaturas para que o leitor passe a conhecer um pouco mais sobre suas ideias. Ideias que precisam ser observadas e utilizadas para melhoria de nosso sistema de ensino. A questão é combinar isso com as “autoridades educacionais” deste país.

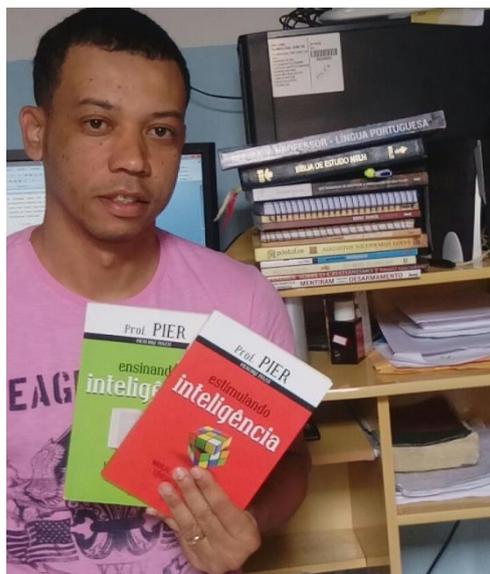


imagem: arquivo pessoal

- Citações de *Estimulando Inteligência*:

O que se nota é uma atitude de “terceirização da paternidade” onde a escola é responsabilizada por todos os problemas que surgem no processo educacional dos alunos. Os pais precisam entender que o sistema educacional não se constitui apenas da escola. Os elementos que se interagem no sistema escolar são três: alunos, famílias e professores. (PIAZZI, 2014, p. 11, 12).

O que está errado em relação à Educação são as regras! Com a ajuda das famílias é extremamente simples alterar essas regras, transformando, de forma rápida e simples nosso sistema educacional num sistema de Primeiro Mundo. (PIAZZI, 2012, p. 18).

*Assim como alguém pode ter uma micose, uma infecção bacteriana e uma virose ao mesmo tempo, a doença do Sistema Escolar Brasileiro não tem uma única causa. As mais relevantes são três: os alunos (inclusive adultos) **não sabem ler livros**, os alunos **não sabem estudar**, os alunos **não sabem mais se comportar durante uma aula**. (PIAZZI, 2012, p. 32). O grifo é meu.*

Um grande equívoco que ocorre, e, parte da culpa é nossa, profissionais da escola, é nos autointitularmos “educadores”. Nós somos instrutores. Na Itália, por exemplo, não existe Ministério da Educação, o que existe é um ministério da Instrução. (PIAZZI, 2012, p. 37).

*Quem não lê muito, jamais poderá escrever bem. Quem não lê muito lê lentamente e **tem uma dificuldade enorme em interpretar textos**. (PIAZZI, 2012, p. 60).*

*A ação da família: apoiar a escola em todas as suas atitudes disciplinadoras (não atitudes repressoras) considerando uma falta disciplinar **na escola** algo que deve ser punido **em casa**. (PIAZZI, 2012, p. 71).*

Facebook é uma droga e está imbecilizando toda uma geração de crianças. Filhas de pais que deram início ao processo de imbecilização com o uso excessivo da televisão. (PIAZZI, 2012, p. 80).

Gosto de citar o cursinho, onde lecionei por tanto tempo, como modelo a ser seguido pelo sistema educacional, porque é um dos poucos lugares deste país onde as circunstâncias fizeram com que a farsa (do ensino de qualidade) não pudesse ser perpetrada. (PIAZZI, 2012, p. 98).

*Aula dada, aula estudada **hoje!** (PIAZZI, 2012, p. 103).*

***A verdadeira função de uma escola** é tornar seus alunos cidadãos capazes, éticos, solidários e **inteligentes**. (PIAZZI, 2012, p. 148).*

*A única maneira que temos de conseguir, um dia, ser uma das sociedades mais justas do mundo será **educando a próxima geração** e não dando esmola para transformar pobre em mendigo (e obter voto de cabresto). (PIAZZI, 2012, p. 165).*

*As escolas brasileiras precisam deixar de ser um gigantesco "teatrinho" e se tornar realmente um ambiente ideal para o **crescimento intelectual** das próximas gerações. Os jovens brasileiros não precisam saber mais: precisam, sim, **pensar melhor**. O que as famílias precisam entender é que somente pensa melhor quem tem autonomia intelectual, quem sabe estudar sozinho, interpretar textos, quem tem espírito crítico, **quem não se preocupa em colecionar diplomas e títulos**, mas que tenta ter uma mente cada vez mais aguçada e rica em conteúdo. (PIAZZI, 2012, p. 166).*

- Citações de *Ensinando Inteligência*:

*O ciclo de aprendizagem se inicia, processa-se e encerra-se em 24 horas. Ele é **diário**. Se nesse período acontecerem três coisas, o ciclo completa-se de forma eficiente: 1º. Aula assistida com atenção, 2º. Tarefa estudada no mesmo dia, 3º. Uma boa noite de sono. (PIAZZI, 2014, P. 26).*

Na publicação da revista *Nova Escola*, edição de agosto de 1990, na seção *opinião*, o professor Pier foi o convidado para escrever um artigo. Expressou seu ponto de vista a respeito do tema: *a nota do aluno*. Observa-se a razão pela qual o professor Pier não atraiu os olhares nem a atenção das "autoridades educacionais" do Ministério da Educação: ele não falou aquilo que eles gostariam de ouvir. Na oportunidade, emitiu sua opinião intitulado o artigo de "*Quem ensina não dá nota*", onde declarou que a nota não deve ser o objetivo principal para o docente, na verdade a nota é apenas um complemento, pois, o importante é o aprendizado, que nem sempre é refletido pelo que as notas mostram. Um dos pontos que

relatou e que criou controvérsias foi quando mencionou que o aprendizado consiste no estudo diário, ainda que pouco, mas todo dia e de forma solitária. Quem estuda todo dia e dorme bem, aprende; não precisando se preocupar em estudar para fazer uma prova ou para se alcançar uma nota. Pronto! Foi o suficiente para ser questionado por muitos professores da época e também por outras pessoas que leram a revista. Em sua obra *Ensinando Inteligência* ele menciona esse episódio:

*O título do artigo foi justamente “Quem ensina não dá nota”. Para quê? Fui simplesmente crucificado por quase todos os que leram, fazendo-me duvidar de minha própria sanidade mental. E sabem qual foi o argumento? “Se você me tira a arma da nota, como vou controlar as pestes?” vejam a deformação a que chegamos: **a nota, além de ser o objetivo prioritário do aluno, virou arma do professor!**(PIAZZI, 2014, p. 38).*

Continuando com outras falas importantes do professor Pier:

*Enquanto a pseudopedagogia não se transformar em pedagogia de verdade, criando mecanismos que alterem essa cultura pervertida segundo a qual o aluno está na escola **para ir bem nas provas, tirar boas notas, passar de ano e obter um diploma**, o faz de conta vai continuar. (PIAZZI, 2014, p. 54).*

*A grande maioria das escolas (e famílias) brasileiras estimula os alunos a estudar para a prova. Quem estuda para a prova **não consegue reconfigurar as redes neurais de seu cérebro.**(PIAZZI, 2014, p. 66).*

*Se não houver um tempo diário de estudo solitário, as aulas tornam-se inúteis. **A evidência** de que nosso sistema escolar está sendo gerido de forma equivocada é justamente a valorização quase que exclusiva das aulas. Chega-se ao **absurdo** de avaliar a qualidade de um curso pela quantidade de horas-aula que o compõe. (PIAZZI, 2014, p. 133).*

*Há séculos se sabe que um ambiente pobre e pouco estimulante não favorece o desenvolvimento da inteligência. Outro freio ao crescimento da inteligência é o trauma causado por maus professores ou técnicas de ensino equivocadas. Algumas pessoas se declaram incapazes de aprender determinadas matérias e, ao fazer isso, realmente bloqueiam sua capacidade para tanto. É preciso entender que há uma grande diferença entre um **deficiente neurológico** e um **deficiente mental**. (PIAZZI, 2012, P. 138).*

No capítulo intitulado de *Césio-137* onde a temática diz respeito à nocividade de instrumentos como o celular, computador e televisão para nossos filhos/alunos, o professor Pier afirma o seguinte dentre tantas coisas importantes e esclarecedoras:

*Fascinados pela pirotecnia da tecnologia consumista que assola a humanidade, pais ignoros colocaram, muito precocemente, suas crianças, no começo, à frente de um televisor, a famosa babá eletrônica. O tempo gasto pela criança, **que deveria estar brincando com objetos coloridos, sons e sensações táteis**, era jogado no lixo enquanto se estupidificava com desenhos animados... As escolas querem dar aulas de*

computação aos pequenos! Essa ignorância total com relação aos efeitos causados por essa parafernália eletrônica **está custando muito caro, em termos de Q.I., para toda uma geração...** em Brasília, insistem sem refletir, na inclusão digital sem perceber que antes deve haver uma inclusão cultural. (PIAZZI, 2012, p. 140, 142, 144).

Como instruir crianças e jovens? **Contando histórias!** Toda criança pequena adora histórias. Não se cansa de repetição. Através da contação de histórias a criança treina redes neurais por meio da repetição. A insistência tenta obter a permanência da informação, que só mais tarde será ancorada pela palavra escrita. (PIAZZI, 2012, p. 149)

Enquanto não entrar na cabeça dos professores de Letras que, antes de professores de Literatura, eles tem a obrigação de ser professores de leitura, continuaremos sendo um país de semi analfabetos. (PIAZZI, 2012, p. 157).

- Citações importantes de *Aprendendo Inteligência*:

*Estudo não é uma questão de quantidade, mas de **qualidade!** Portanto, o conselho correto não é: estude mais, mas, sim: estude melhor! Estudando melhor, você irá se tornar cada vez mais inteligente, mais criativo, mais culto. As boas notas e os diplomas serão uma consequência, e não uma finalidade.* (PIAZZI, 2012, p. 24).

A frase mais catastrófica que um professor pode pronunciar é: “preste atenção que isso cai na prova!” você está na escola **para aprender**, não para tirar nota e passar de ano. O objetivo de alguém frequentar a escola ou algum curso é para se **tornar inteligente** e não para se obter um diploma. (PIAZZI, 2012, p. 93).

O grande problema é que toda uma geração de jovens brasileiros, graças à **falta de leitura de livros**, se tornou uma geração de analfabetos funcionais. O péssimo hábito de ficar “grudado” na TV ou navegando pelo “celular” em alguma rede social, **afastado dos livros** é que criou essa catástrofe. Como consequência desse analfabetismo funcional, os alunos recebidos em cursos pré-vestibulares apresentam **quatro problemas básicos: falta de vocabulário, interpretação de texto, redação, lentidão.** (PIAZZI, 2012, p. 109).

Essas são apenas algumas das muitas declarações de Pierluigi Piazzzi no tocante à educação e aprendizado dos alunos. Por afirmações como as expostas acima é possível observar a capacidade deste grande profissional que era de fato um especialista no quesito *Educação*. Ele deixou um legado, uma contribuição altamente positiva.

A única questão a se destacar é o quanto nossas escolas perderam com a ausência das suas recomendações e orientações e de como fez falta não sendo um conselheiro ou integrante do Ministério da Educação ao longo desses anos. Também pudera, o pensamento do professor Pier vai de encontro a todo esse modelo educacional altamente marxista que tem se apresentado diante de nós.

Todos os grifos são meus.

Professor: um profissional desprestigiado

Agora vamos tocar em um assunto extremamente interessante: o desprestígio do professor. Chega a ser assustador o que vem acontecendo com o professor neste país.

Em outras épocas este profissional era respeitado por seus alunos, pela escola e pelas famílias dos alunos, pois, os pais incutiam na mente de seus filhos a excelência da profissão do docente e exigiam de seus filhos que o mesmo fosse respeitado, também mostravam a importância existente no ato e arte de ensinar e o quanto seus futuros poderiam ser promissores, uma vez que escutassem com muita atenção tudo aquilo que os mestres lhes transmitiriam em sala de aula.

Não só a família mudou no tocante à forma de enxergar o professor como também o próprio sistema educacional, aliás, penso que, no caso do sistema, este colaborou significativamente para essa mudança de postura das famílias mediante muitas alterações de caráter sócio-construtivistas inseridas ao longo dos anos, que fizeram, por exemplo, que o professor deixasse de ser transmissor de conhecimentos para ser apenas um mediador de informação. Hoje é possível observar claramente a desvalorização do professor, não somente em relação a salário, mas, pelo fato dele ter se tornado um simples elemento complementar, não mais uma figura ilustre e de destaque no contexto escolar. Outro fator é que o professor não possui mais autoridade diante de seus alunos, e não estou fazendo alusão de forma alguma ao retorno das palmatórias ou métodos ditatoriais e rigorosos que foram usados no século passado ou a utilização de castigos humilhantes que os alunos sofriam sendo que alguns docentes até mesmo oprimiam de diversas maneiras aqueles que não assimilavam os conteúdos.

Também é importante deixar claro que é preciso reconhecer que em alguns aspectos houve mudanças positivas na educação como o fim do autoritarismo docente e a abertura para a utilização do diálogo que coopera para a aquisição de valores éticos e morais e para a construção do exercício da cidadania. A abordagem que faço é no sentido da perda evidente do respeito para com aquele que é o responsável pelo ensino em sala de aula. Segundo Pierluigi Piazzini:

*Antigamente, o professor era alguém respeitadíssimo, que **ocupava um lugar importante na sociedade**. Era comum por exemplo, que na composição da mesa de autoridades em alguma cidade do interior, além do prefeito, do médico, do juiz e do*

farmacêutico, fosse chamada a professora primária. Uma professora primária concursada tinha um nível de remuneração igual ao de um juiz de direito recém-formado! (PIAZZI, 2012, 150). (o grifo é meu).

Antigamente o professor era admirado, respeitado e imitado. Muitos alunos acabavam escolhendo a carreira do magistério inspirados pela admiração e respeito que sentiram, em algum momento, por um de seus mestres. (PIAZZI, 2012, 151). – o grifo é meu.

Pois bem, a realidade atual é completamente diferente: o professor não goza de prestígio algum. Além de mal remunerado, não possui a autoridade e nem a visibilidade de outros tempos, culpa do próprio sistema educacional.

Vamos começar pela questão salarial: o leitor pode nesse momento até questionar: professor não ganha tão mal assim. Pois é, mas lhe afirmo que sim. Ganha mal pelo que a sua função representa. Não é justo um professor da rede pública ganhar, por exemplo, apenas dez por cento em relação ao que ganha um médico, e a questão não é que o salário do médico seja tão alto assim; entendo que seja normal e até justo que um médico ganhe mais que um professor. O problema está no valor que se paga ao professor. Se pararmos para pensar em um professor que possui dois ou mais concursos, veremos que na somatória suas remunerações chegam a ser de valor considerável, contudo, não há como exigir que o trabalho de um docente com carga horária de 40 ou 60 horas semanais, por mais qualificado e competente que ele seja, tenha o rendimento esperado, trata-se de uma sobrecarga. É preciso levar em conta que este professor por atuar em várias escolas, possuir mais turmas e alunos sob sua responsabilidade, logicamente, enfrenta maior desgaste, estresse e dispõe de pouquíssimo tempo para o preparo das aulas e atividades afins. E o descanso? E a família? Professor da rede pública que ganha bem “não vive”, ou seja, ganha relativamente bem, mas é preciso “se matar” dando aula manhã, tarde e noite. No tocante aos professores da rede estadual, ainda que não seja o justo, há uma maior valorização neste sentido. Evidente que a questão de remunerar o professor de acordo com seu desempenho e produtividade também é discutível. Não se pode negar que existem maus profissionais, relapsos e descompromissados com a função em sala de aula, como acontece em qualquer setor.

O que é mais lamentável é que já ouvi de profissionais da educação que professor não deve reclamar, que ganha muito bem sim; mas, reafirmo que, a meu ver, é um salário pífio, principalmente se levarmos em conta o custo de vida atual. Salário não é tudo, mas, certamente é o principal meio pelo qual o Estado pode mostrar reconhecimento e valorização ao professor.

Voltando a discorrer sobre a autoridade do mestre em sala de aula: apesar da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDBEN) em seus artigos 13 e 67 assegurar os direitos e expor os deveres do docente respectivamente, na prática é possível observar que nem sempre o professor é assim tão amparado. Para se ter uma ideia do absurdo a que chegamos, um aluno hoje pode desrespeitar e aprontar o que bem quiser em sala de aula, debochando ou ridicularizando o professor, se utilizar de atitudes vândalas, que se por acaso tal professor exigir punição para o jovem transgressor, os pais podem até processá-lo por conta disso; pode parecer surreal, mas acontece. O pior de tudo: em situações deste tipo são muitas as escolas que não tomam nenhum posicionamento em favor do professor.

O problema em torno de tudo isso é que muitas escolas não executam o que prevê o Regimento Interno, aliás, em muitas escolas Regimento Interno é apenas um “faz de conta”, muitos diretores nem conhecem ou fazem uso do principal documento norteador no que se refere ao funcionamento e aplicação de regras na escola. Para muitos diretores, mais importante é não contrariar os pais, principalmente se estes possuírem bom poder aquisitivo.

A ideia que sempre tive de escola é que esta é um local que tem por responsabilidade passar conhecimento para o aluno e fazer com que o mesmo absorva esse conhecimento mediante a transmissão realizada pelo docente. Hoje, porém, o que mais podemos contemplar nos telejornais são os vários casos de desrespeito para com o professor, agressões sofridas por esse profissional virou algo bastante corriqueiro. Dá a impressão de que o professor, que em outros tempos era visto como herói, passou a ser um impostor.

É possível perceber que criaram uma espécie de cultura de que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é um documento que assegura que em hipótese alguma os adolescentes ou jovens impostores sofrerão alguma punição por seus vandalismos e maus tratos ao professor no espaço escolar, então, as escolas não fazem nada, os pais “passam a mão na cabeça” e os delinqüentes “deitam e rolam”, tudo porque estão amparados pelo Conselho Tutelar e ninguém pode tocá-los. Mas não é bem assim, na verdade o que acontece é o “jogo” de conveniências. O ECA pode ter seus pontos que são questionáveis, contudo, o que tem acontecido é que muitas escolas não querem assumir suas responsabilidades, apenas isso. Obviamente que mesmo assegurando que os adolescentes/jovens delinqüentes cumpram medidas sócio-educativas e outras determinadas formas de punição por conta de seus atos, pode-se discutir, por exemplo, se as aplicações do ECA são brandas ou não, mas, a questão a se discutir é que a escola **faça**

valer as regras e valorize o professor. Indisciplina escolar é uma questão exclusiva da escola, não de Conselho Tutelar.

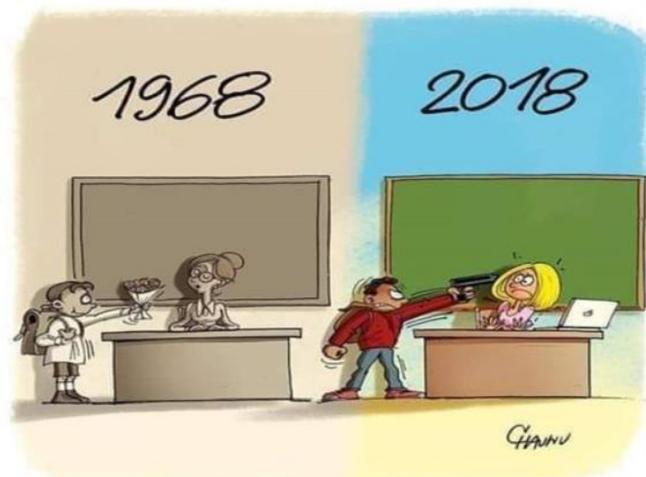


imagem da internet

Alinhado a isso temos a falta de contribuição das famílias. Os pais tem sido muito mais super protetores do que educadores, não colocam limites nem regras, não sabem dizer *não*. Como consequência, o caos vai sendo implantado nas escolas.

No início do capítulo mencionei a desvalorização que acontece proporcionada pelo próprio sistema educacional. O que tem acontecido nas últimas décadas é que o sistema de ensino no Brasil, tendo como parâmetro os métodos Paulo Freire implantou uma filosofia de que o professor não pode mais ser um transmissor do conhecimento, mas, apenas um mediador da informação. Em decorrência da disseminação desse pensamento, é perceptível que a forma de tratamento para com o professor foi mudando ao longo das últimas décadas, gradativamente. Assim, o professor tem caído em desprestígio e encontrado enormes dificuldades para fazer a exposição de um conteúdo em sala de aula por conta de alunos, que já não podem mais ser chamados de estudantes, desmotivados, rebeldes e tecnológicos.

O sistema colocou, acredito que propositalmente, a questão do avanço tecnológico como uma espécie de substituto do professor. A eficácia ou não do ensino a distância não é o que pretendo discutir. Essa é uma modalidade que não está restrita apenas às faculdades, mas, também tem sido utilizada como ferramenta em turmas do Ensino Médio. Penso que além desses alunos não adquirirem o mesmo rendimento caso tivessem sendo ensinados por um professor “ao vivo e a cores”, uma cultura de que o professor pode ser substituído por um programa de computador vai sendo implantada e fazendo com que muitas pessoas acreditem nisso. Boa parte de nossos alunos deixam o ensino fundamental com enormes dificuldades de leitura e escrita e ingressar num modelo de ensino que requererá deles que

apenas assistam TV certamente não se trata de algo muito animador no sentido de aprendizado.

Hoje o professor virou fonte de pesquisa, e esses pesquisadores não pesquisam junto ao professor, antes, o estudam, o analisam, como uma espécie de cobaia mesmo.

Há um professor, considerado grande educador da atualidade, chamado Vasco Moretto, defensor do sócio construtivismo, que inclusive, utilizei algumas de suas abordagens em certos trabalhos acadêmicos quando cursei uma Especialização em Coordenação Pedagógica há alguns anos (quem não já fez besteira na vida). Em uma de suas palestras sobre o Projeto Político Pedagógico e o Trabalho Docente faz algumas afirmações inacreditáveis, verdadeiras parvoíces, que considero retratar bem o novo papel da escola em relação ao seu planejamento e tratamento à figura do professor: analisemos algumas dessas afirmações:

*“O professor **não pode interferir** no projeto. Quando ele chega à escola, o projeto já existe. Não pode mexer nos valores que a escola já escolheu!”*

*“O professor **não pode impor a sua autoridade** diante do aluno. A argumentação sólida é um valor. Não vale o grito, vale o argumento. O professor **não pode se impor!**”*

*“Tudo que deve ser feito na escola é oferecer informações que estão disponíveis na sociedade **para que o aluno possa por meio dessas informações construir seu conhecimento!** A escola **não pode escolher** como fundamento epistemológico a descrição de mundo! **Isso acontecia na escola tradicional.** A escola precisa abandonar o conteudismo e problematizar os novos papéis sociais.”
(AFIRMAÇÕES DE VASCO MORETTO).*

Pois bem, o que acabamos de ver na fala de Moretto nada mais é que uma “chuva” de pensamento freireano. Pensamentos que representam o novo jeito de fazer educação e que vem sendo implantado há tempos em nossas escolas. Na primeira afirmação, fica evidente a ideia de que o professor **não pode mais ter papel de destaque no contexto escolar**, na verdade, nem opinar ele pode mais, pois, como foi dito, o projeto pedagógico já está pronto quando ele chega à escola, ele tem apenas que se adequar à realidade. Observe que se trata de um verdadeiro retrocesso. A segunda afirmativa é tão absurda quanto à primeira: o professor **não pode mais se impor** em sala de aula! E esse “não se impor” a que ele se refere não é autoritarismo ou abuso de autoridade, pois, a concepção segundo Paulo Freire é que professor e aluno estão **no mesmo patamar**, professor não pode em hipótese alguma se posicionar como alguém que detém maior conhecimento que o aluno. Por fim, a terceira fala de Moretto aponta para outra falácia freireana: a importância da valorização dos saberes trazidos pelos alunos, saberes socialmente construídos.

Entenda: não estou dizendo que o aluno não traz nenhum conhecimento consigo, o que acontece é que da forma como esses senhores da educação revolucionária colocam, fica evidente que os anos de estudo de um professor não significam nada, já que ele precisa aprender junto com o aluno. A professora Paula Marisa de forma irônica coloca o seguinte a esse respeito:

Realmente trata-se de uma super revolução: Ninguém quer mesmo de volta aquelas aulas tradicionais baseadas numa visão antiga onde o professor oprimia os alunos obrigando-os a responderem perguntas sobre o que foi ensinado em sala de aula, onde já se viu um professor querer silêncio e concentração? Isso é barullhofobia. Escrever, ler, copiar, estudar, tudo isso é uma verdadeira opressão. O aluno não precisa disso, ele só precisa saber procurar as coisas no Google e no Wikipédia. Lá ele vai ter tudo que ele precisa. O professor precisa entender o conceito de identidade institucional. Valorizar o coletivismo em detrimento às características individuais. As características, valores, pensamentos e formação profissional de todos os alunos tem que ser uma só. Essa coisa de autoridade é arcaica, o professor deve estar em pé de igualdade com o aluno. (Professora Paula Marisa – Especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional).

Nessa linha de pensamento de Moretto, em pouco tempo haverá uma verdadeira extinção dos conteúdos escolares: gramática, geometria, análise sintática, operações matemáticas, entre outros, de nossas escolas. Dentro dessa visão sócio construtivista os professores passaram de formadores a “enroladores”, deixaram de ensinar para “formar” cidadãos. O detalhe é que os cidadãos que estão se formando não sabem ler, escrever ou fazer qualquer cálculo simples. Verdadeiros analfabetos funcionais tem concluído os estudos em nossas escolas, ingressado nas faculdades e se tornado “grandes” profissionais.

Como ressalta o professor Pier, **o grande problema do ensino público tem sido incompetência e corrupção. Muita corrupção!** (PIAZZI, 2012, p. 164). O professor e filósofo Olavo de Carvalho diz que é possível concluirmos que a educação no Brasil se tornou uma piada de muito mau gosto; para exemplificar, ele cita o fato de um ex-ministro da Educação pronunciar *cabeçário*, isso mesmo: **cabeçário**, em vez de *cabeçalho*. Uma das palavras que os professores mais utilizam desde a escola primária! – *todos os grifos são meus*.

Mais algumas considerações relevantes do professor Pier a respeito do assunto *desprestígio do professor*:

*Estou cansado de ver professores excelentes que mal conseguem dar aulas medíocres, pois são obrigados a correr de escola em escola, entupindo-se de aulas, para sobreviver. Sem tempo para se reciclar, **para ler**, embrutecidos pelo excesso de trabalho. Professores que gastam um tempo enorme executando tarefas que não deveriam ser sua atribuição, mas sim, da escola como instituição. Querem saber quais são? Fácil! Diário de*

classe, correção de provas e verificação das tarefas. E, ainda por cima, com problemas terríveis de relacionamento com os alunos mal-educados, criados por pais mal educados. Além disso, impossíveis de serem disciplinados, já que a escola particular sente um prejuízo menos em perder um professor (o fato de ele ser bom é absolutamente irrelevante) do que perder um freguês pagante. E, para piorar, os professores estão tanto das escolas públicas quanto das particulares estão algemados por um falho Estatuto da Criança e do Adolescente, que retirou do professor a autoridade que ele sempre teve e conseguiu criar até a figura do assassino-laranja! (PIAZZI, 2012, p. 168).

Um exemplo simples de absurdos em relação à figura do professor: se um guarda afirmar que eu estava circulando na contramão, mesmo sem fotos ou testemunhas, sua palavra é aceita contra a minha porque ele tem “fé pública”, e a multa é aplicada. A palavra dele vale mais que a minha. Agora pergunto: por que cargas d’água a lei não atribui ao professor fé pública? Os professores atuais trabalham em condições terríveis, tendo as famílias dos alunos como antagonistas em vez de parceiras. (PIAZZI, 2012, p. 168).

*O que querem as tais autoridades de ensino que se sucedem na dança política é **mostrar estatísticas claramente falaciosas**. Tornou-se tudo um faz de conta, uma gigantesca farsa, um trágico teatro que nos está transformando em um país de **deficientes mentais**. (PIAZZI, 2012, p. 176).*

Mudanças drásticas precisam ser tomadas para que essa tão falada “educação de qualidade” venha de fato ser qualitativa de modo que nossas escolas possam ser salvas da indisciplina, do vandalismo, da politicalha dos gestores e de todo um cenário de faz de conta: professor sem condições de trabalho e sem ser respeitado que finge que ensina e alunos desinteressados, desmotivados, rebeldes e mal educados que fingem que aprendem. Ainda segundo o professor Olavo de Carvalho:

*“O grande erro é a ideia de que o governo federal deve educar a nação! Não há sentido em se dizer que o ensino não pode ser diretivo e que o aluno deve “ficar solto” diante dos objetos e que ele mesmo montará as coisas por pura abstração. **A presença do professor é elemento central da educação. Sem ele, o aprendizado é impossível!**”*

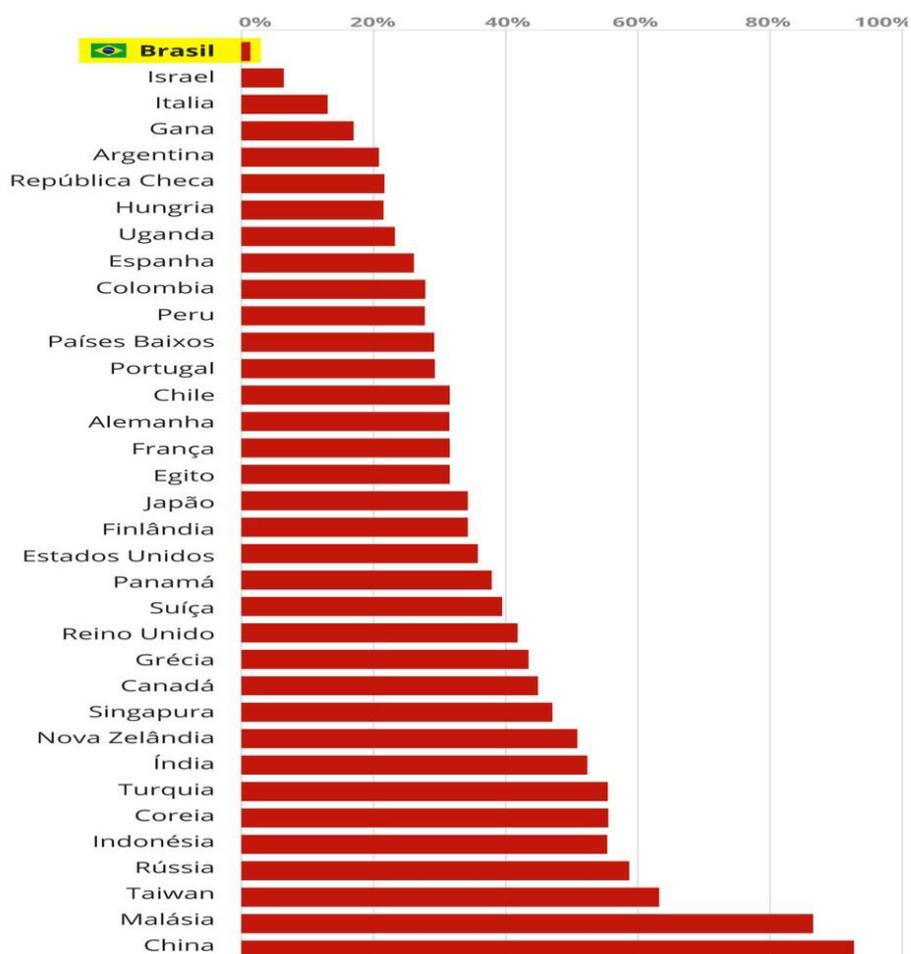
Faz-se necessário uma ruptura do sistema que aí está diante de nós. Não se trata de uma tarefa simples, contudo, não há dúvidas que entre tantas medidas que devem ser tomadas, uma delas passa pelo **resgate do respeito e valorização do professor**. (Os grifos são meus).

Para encerrar, faço o registro de uma matéria que saiu há alguns dias no site *G1.com*. Apesar da mídia brasileira ser extremamente tendenciosa, parcial e na maioria das vezes não informar os fatos na sua veracidade (principalmente os veículos de comunicação *Globo*), há situações que não há como usar de omissão. O título da matéria do dia 08 de novembro de 2018 diz: “*Brasil cai para último lugar no ranking de **status do professor***”. Confira um trecho:

Menos de 1 em cada dez brasileiros acha que professor é respeitado em sala de aula. Muito trabalho, salários menores do que se imagina, falta de respeito dos alunos e um dos piores sistemas educacionais do mundo. É assim que o brasileiro vê a profissão de professor, o que fez o Brasil cair para a última posição do ranking de prestígio de docentes. A pesquisa, realizada em 35 países, foi divulgada na noite desta quarta-feira (7) pela Varkey Foundation, entidade dedicada à melhoria da educação mundial. O resultado do Brasil se torna ainda mais alarmante se comparado ao do cenário global, que registrou uma melhora na percepção do status dos professores. Vale lembrar que, na última edição da pesquisa, em 2013, o país ocupava a penúltima posição dentre os 21 pesquisados. A avaliação de 2018, por sua vez, foi realizada em 35 países – acompanhando as avaliações do PISA –, e foram entrevistadas mil pessoas entre 16 e 64 anos.

Brasil é o país que menos valoriza professores

Pesquisa em 35 países indica percepção de brasileiros



Fonte: Varkey Foundation

Infográfico elaborado em: 08/11/2018



Apenas para citar mais um dado, conforme noticiado em 2013, pela *Exame*, em um relatório divulgado pela WEF (*World Economic Forum*), o Brasil ficou na posição 88 no tocante ao assunto Educação, de 122 países analisados.

A carreira docente é uma profissão de excelência que mediante inúmeros esforços conseguiu ao longo dos anos construir seu espaço ficando cada vez mais conhecida como uma profissão de respeito, todavia, todo esse respeito e admiração foram deixados de lado. Muitos cooperaram para isso: os governantes que passaram a desmerecer a profissão, as autoridades educacionais e as próprias famílias que mudaram seus posicionamentos. Fato é que para se obter uma educação de qualidade, o ponto principal é a valorização do professor!

Todos os grifos são meus.

5

Hipocrisia

Hipocrisia: é interessante já iniciar colocando essa palavra em destaque porque a mesma está presente, pelo menos em meu ponto de vista, nos diversos segmentos da sociedade. A hipocrisia é a característica que se percebe com maior evidência nos personagens que compõem a esfera governamental. Também está presente em outras áreas como: no jornalismo, nas igrejas, nas formas de se fazer política, nas famílias, e é claro, no setor educacional, o qual é nosso foco. Aliás, a hipocrisia no Brasil é antiga, observemos, por exemplo, o ocorrido de cerca de 130 anos atrás quando “o povo” adotou o “regime democrático”, modelo de governo onde ele “escolhe” aquele que governa a nação.

Como disse alguém certa feita: *“A história é uma grande galeria de quadros, onde há poucos originais e muitas cópias. O interesse de poucos seqüestrou o futuro de muitos. O regime republicano nasceu às pressas, escondido, em meio a **trapaças e mentiras e sem nenhum apoio popular!**”* Em contrapartida, a grande maioria dos livros de História que você conhece ensina um grande conto de fadas, uma farsa, ao relatar sobre a conquista da liberdade e soberania de um povo ocorrido em novembro de 1889 com a proclamação da República. Hipocrisia pura, os bastidores nos revelam outra situação que convido o leitor pesquisar a respeito, mas, como o assunto não é a história da proclamação da República, voltemos ao tema *hipocrisia* relacionado à educação.

A “política” da hipocrisia está presente em muitas escolas brasileiras e no sistema educacional como um todo, a começar pelo alto escalão: as autoridades educacionais do Ministério da Educação.

As escolas estão “mergulhadas” na filosofia sócio construtivista e nos ideais marxistas, desvirtuadas dos objetivos primordiais e de sua verdadeira missão.

Uma das principais hipocrisias está no que se refere aos índices da Educação, nos números que “comprovam o avanço” do ensino no Brasil. Fico a me perguntar que educação é essa que avança, uma vez que a realidade mostra que a cada ano **umenta consideravelmente** o número de analfabetos funcionais que concluem o ensino médio e conseqüentemente, o superior. Alunos que deixam o ensino primário e ingressam no colégio, ou como é chamado agora: Fundamental II, sem saberem ler e escrever; escolas que não possuem um ensino voltado para a moral e o civismo, em contrapartida,

contemplamos os ambientes escolares repletos de promiscuidade e desordem, pontos de vendas de drogas, vandalismo, entre outras situações apavorantes. Que índices são esses?

Qualquer governo realmente preocupado com sua força de trabalho, produção científica e intelectual, percebendo uma queda tão brusca e constante em seus índices de educação chegaria à conclusão de que o que está sendo feito está errado, porém, não é este o caso do governo brasileiro que prefere “jogar a sujeira embaixo do tapete” e agir com hipocrisia.

Caro leitor, todos os índices apresentados a respeito da educação brasileira são números desarmônicos com a realidade. A preocupação das “autoridades” de ensino bem como dos governantes é **mostrar números**, ainda que não compatíveis com o que acontece na prática. Por quê? Porque o importante são eles ficarem bem “na foto”, como se diz na linguagem popular. A aprendizagem dos alunos é o que menos importa para os linha de frente, pois, a hipocrisia é o “carro chefe” do sistema.

Segundo o professor Pier:

O que acontece no Sistema Educacional Brasileiro é uma gigantesca e até criminoso hipocrisia. É tudo faz de conta. O cidadão freqüente, por exemplo, cinco anos de faculdade de Direito e consegue ser reprovado no exame da OAB. O que faz a seguir? Cursinho para a OAB! O que aconteceu? Simples: na faculdade não aprendeu Direito, aprendeu a tirar o diploma de Bacharel em Direito! Freqüentou uma instituição que não ensina, mas dá diploma! (PIAZZI, 2012, 18).

Qualquer pessoa que faz uma visita ao site do INEP ficará estupefata com os resultados obtidos pelos estudantes brasileiros que fizeram a prova do PISA. Esse exame é organizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), uma entidade internacional e intergovernamental que reúne os países mais industrializados da economia do mercado. Nesse exame que envolve jovens de 15 anos de dezenas de países, são medidas as várias formas de inteligência que as escolas que as escolas deveriam ter desenvolvido. São solicitadas habilidades como: interpretação de texto, interpretação de gráficos, correlação de informações, raciocínio lógico e raciocínio aritmético. Os alunos brasileiros submetidos a esse teste, em 2003, provenientes de escolas públicas e particulares obtiveram um vergonhoso penúltimo lugar! Ficaram à frente apenas da Tunísia! (PIAZZI, 2012, p. 22).

É possível concluir diante da citação acima que o Brasil foi um dos piores sistemas educacionais examinados, simples assim. E se existe algo certo, é que não tem mudado de lá pra cá, pois, em 2012, o Brasil ficou na posição 53 no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), conseguindo apenas ultrapassar a Tunísia, se é que dá pra gente se vangloriar disso.

Para se ter uma ideia, de acordo o filósofo Olavo de Carvalho, o Brasil tem aproximadamente oito milhões de estudantes universitários. Desses, 50% são analfabetos

*funcionais. Estão sendo colocados na rua, com diploma superior e **autorização** para o exercício de profissão superior, quatro milhões de analfabetos funcionais por ano. Ainda, segundo Olavo, no ensino secundário há aproximadamente 28 milhões de inscritos, que sistematicamente, todo ano tiram **os últimos lugares** nos testes internacionais ficando abaixo da Zâmbia, Serra Leoa e Paraguai, por exemplo.*

O Ministério da Educação (MEC) trabalha com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), resultado da avaliação externa de larga escala que estabelece indicadores de qualidade para as escolas do país **com base no desempenho dos alunos no SAEB** - provas de Língua Portuguesa e Matemática (Prova Brasil) e análise do fluxo escolar (aprovação e reprovação/abandono). O cenário nos revela que **os resultados** dessas avaliações e indicadores nada mais são do que **instrumento de propagação política das autoridades governamentais**, apesar de divulgarem o IDEB como algo que visa o planejamento de políticas públicas educacionais voltadas para o enfrentamento dos graves problemas existentes na educação em nosso país.

Diferentemente do PISA, a ineficiência do IDEB se dá pelo fato de que os resultados do SAEB (Prova Brasil) não avalia formas de inteligência, mas, sua concentração se dá na medição de conhecimentos, com base nos currículos das escolas. Mas o ponto mais complicado não é esse; apesar do IDEB ter os seus pontos positivos, diversos casos de manipulações e fraudes tem sido comprovados na realização da Prova Brasil, como aconteceu, por exemplo, em Sobral, no estado do Ceará, fato que repercutiu em todo o país, é claro, negativamente.

A questão é que os governantes comemoram os resultados do IDEB não somente como uma vitória, mas, como se fosse um verdadeiro marco na educação do Brasil, fazem grande alarde, é inacreditável! O que não vemos de forma alguma são essas mesmas autoridades divulgarem que em boa parte de nossas escolas os professores não gozam das melhores condições de trabalho, são desrespeitados quase que o tempo todo, cobrados excessivamente, chegam às vezes até a comprarem material pedagógico ou suprir outras necessidades por conta do descaso e falta de investimentos desses mesmos governantes. Muito menos vamos vê-los admitindo que o salário do docente é pífio e precisa ser revisto. Pelo contrário, o que presenciamos, e com certa frequência, são essas autoridades desdenhando ou até mesmo criticando o professor como já fizeram, por exemplo, os senhores Cid Gomes, Jaques Wagner, Geraldo Alckimin, Arthur Maia, entre outros, que de igual modo, prestam um grande desserviço à nação. Por incrível que pareça há professores que ainda defendem esses sujeitos.

Penso que os problemas da educação pública e da profissão docente **não são a prioridade** da quase totalidade dos parlamentares e governantes de nosso país.

Pois bem, a avaliação externa é usada para medir a qualidade da educação, foi criada nos Estados Unidos, mas, nem tudo que é copiado lá de fora e trazido aqui para o Brasil, funciona. Na verdade, após essas avaliações externas, a educação passou a funcionar para ter bons resultados, **não mais para educar e ensinar de verdade**. Como já dito, prefeituras e estados querem mostrar “bons resultados” **a todo custo**, forçam as escolas a darem todas as oportunidades possíveis para os alunos avançarem de série e assim aumentar o índice de aprovação e, por conseguinte, haver um melhoramento de performance nas avaliações externas.

Não há dúvidas de que a Prova Brasil e, conseqüentemente, o IDEB, precisam ser observados com maior atenção. Dizer que a educação brasileira está melhorando não condiz com a realidade dos fatos que mostram cada vez mais pessoas concluindo os estudos **sem domínio algum das quatro operações e sem saber se quer interpretar um texto relativamente simples**. Na verdade, é muito fácil (e pretensioso) os governantes utilizarem índices para “maquiar” a realidade: dizem: índice da educação melhorou, índice da violência diminuiu, índice disso e daquilo melhoraram... Mas, nem sempre os indicadores numéricos refletem a questão qualitativa. Por que não admitir a realidade e agir com transparência e franqueza?

Algumas observações importantes que precisam ser consideradas: a Prova Brasil (Língua Portuguesa e Matemática) é aplicada a alguns alunos, não a todos os alunos de uma unidade escolar, assim, a amostragem é baixa. O IDEB usa as notas dessas provas alinhadas a um cálculo do número de alunos que foram reprovados e os que passaram de série. Apesar de bem intencionado, pois avalia através da análise de provas mais a análise do fluxo de alunos, o IDEB não deixa de ser fantasioso. Você pode estar se perguntando: qual é o problema? Eu digo: além da Prova Brasil ser realizada por restrito número de alunos, **é manipulável**. Exemplo: há casos de escolas no Brasil em que direção e coordenadores estimulam os alunos com mais dificuldades a não fazerem as provas, assim, apenas os melhores fazem e o resultado acaba não transparecendo a realidade, tudo isso, **intencionalmente**. Outra questão é a análise relacionada ao fluxo de alunos no que se refere à repetência. Hoje, para um aluno ser reprovado, ele precisa **se esforçar muito**. Na verdade **não há mais reprovação** nas escolas. Só por apenas freqüentar a escola um aluno já é pontuado. Quando determinado aluno não quer “nada com nada”, como dizemos, o

sistema “incentiva” que o professor faça uma série de avaliações ou trabalhos, qualquer coisa que seja necessário para que o aluno **consiga sua nota**.

Os resultados do IDEB, de qualquer lugar que seja, precisam ser analisados com muita sobriedade: como está sendo feito e qual a real situação da política educacional?

A verdade é que os resultados do IDEB **podem não corresponder** de forma alguma à qualidade do ensino (a acho que não correspondem), sendo assim, impreciso, fictício, portanto, **hipócrita!**



imagens da internet

Mais algumas considerações do professor Pier:

*O Sistema Educacional Finlandês, por exemplo, um dos melhores do mundo, funciona baseado nos mesmos princípios que são utilizados, no Brasil, em alguns cursinhos. Há anos venho gritando que o sistema de educação no país **deve mudar suas regras**, usando, por exemplo, as que são utilizadas em cursinhos sérios. (PIAZZI, 2012, p. 25).*

*As escolas públicas estão nas mãos da mais abjeta politicagem, muito mais preocupada em **falsear índices** apresentando uma eficiência de fachada do que em realmente tentar formar futuros eleitores alfabetizados e conscientes. (PIAZZI, 2012, p. 21).*

*A esmagadora maioria dos alunos brasileiros, de qualquer idade ou curso, não estuda para aprender... **finge que estuda, mas é para tirar nota. Esse é o câncer de nossa escola!** (PIAZZI, 2012, 24).*

*Alguma irresponsável (do MEC) dotada de autoridade decidiu **que não haverá mais reprovação** e conseguiu convencer quem é de direito a adotar tal medida. Agora o professor virou só exclusivamente **carcereiro!** Mas por que tudo isso? A coisa é muito mais séria e surrealista: o que eles querem é **melhorar as estatísticas que vão apresentar à Unesco!** Agora, um aluno que falte a todas as aulas e compareça a meia dúzia de atividades de recuperação no final do ano letivo consta não só como aprovado, mas também, obviamente, como não evadido nas **mentirosas estatísticas** que as “autoridades de ensino” perpetram. (PIAZZI, 2012, p. 36). – (os grifos são meus).*

Pois é, hipocrisia, hipocrisia, hipocrisia...

Uma colocação importante de Olavo de Carvalho:

*Definitivamente, a educação no Brasil acabou. Ela chegou à apoteose no dia que nossos alunos ficaram em último lugar no PISA e o ministro da educação da época disse que poderia ter sido pior. Hoje o status é inexistente. Educação hoje só serve para ensinar as crianças a fazer sexo e desenvolver a “diversidade”. Um verdadeiro pão e circo! Desde a década de 1970, tudo piorou com a dominação dos currículos pelo sócio-construtivismo, que não só imbeciliza, mas, **comprovadamente, causa lesão cerebral.***

Agora vou mencionar algumas atitudes super hipócritas cometidas pelos também hipócritas diretores, coordenadores e secretários de educação espalhados por nossas escolas (evidente que temos bons diretores e coordenadores, não estou generalizando). Quem não já ouviu falar ou percebeu atitudes preconceituosas quando na divisão de turmas, por exemplo? Em muitas escolas brasileiras são perceptíveis a formação de algumas turmas apenas por “filhinhos de papai” enquanto que outras, de uma mesma série, são formadas por filhos de pessoas de menor ou quase nenhum poder aquisitivo. Por que será que fazem essa separação? Para favorecer a quem? Por quê? Os “filhinhos de papai” não podem se misturar com a “ralé”? O discurso de diretores, coordenadores, secretários de educação e, infelizmente, até muitos professores, é extremamente demagogo: dizem que a educação é a grande ferramenta para o combate ao preconceito. Quanta dissimulação!

E a política de “inclusão”? Um assunto delicado, mas que envolve de igual modo muita hipocrisia. Pra começar, quero citar mais uma vez Pierluigi Piazzi que diz:

*O deficiente neurológico tem um cérebro com falhas de hardware, ou seja, causas como uma má formação, um acidente de parto, um traumatismo craniano, doenças na primeiríssima infância ou problema genético são alguns exemplos. Mesmo assim, ele consegue subir na escada da inteligência. Degraus menores, bem devagar, **mas sempre há possibilidade de progresso, desde que ele tenha uma assistência especializada e competente. Porém,** esse progresso certamente não será conseguido com essa tal “inclusão” que está sendo perpetrada em nossas escolas nas quais o deficiente neurológico, ao se defrontar todos os dias com sua inferioridade intelectual, é **humilhado**, não pelos colegas ou professores, mas pelos irresponsáveis que o “incluiram” e sequer tem consciência da crueldade que cometem. Horas preciosas do tempo dessa criança são desperdiçadas colocando-a em um ambiente que não lhe traz proveito, quando poderia estar recebendo um auxílio de fato eficiente em um espaço propício. (PIAZZI, 2012, p. 130).*

A educação inclusiva, de acordo a legislação, deve ser trabalhada na escola, sendo direito de todas as crianças consideradas especiais, seja em turmas específicas ou em turmas regulares, onde se faz obrigatória a inserção desse tipo de criança. Para citar algumas dessas referências legais, vale mencionar o artigo 208 da Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no capítulo IV, além da Lei 12.764 que relata, inclusive, que o gestor escolar não pode recusar a matrícula para um aluno especial;

esta lei diz também que é direito do aluno portador de necessidades ter um acompanhante especializado.

Diante dessas colocações não poderíamos concluir que a “inclusão” funciona maravilhosamente nas escolas? Poderíamos, mas, não é assim que acontece. Analisemos algumas questões: muitas escolas exigem dos pais que providenciem o acompanhante especializado, mas, a lei diz que isso é dever da escola, só que as escolas que assim fazem (pouquíssimas) colocam **qualquer um** para exercer essa função, independente de possuir ou não aptidão para o ofício. É mais uma espécie de “quebra-galho” mesmo, uma oportunidade que o poder público encontra para poder empregar alguém pagando-lhe algumas migalhas e garantido assim o voto dessa pessoa e de sua família na eleição seguinte. Em muitos casos, a mãe de um aluno especial é quem acaba fazendo esse papel do auxiliar especializado. Mas... como ficam as responsabilidades dessa mãe? Ela não tem ocupações? Mãe na escola todos os dias? Definitivamente, alguma coisa não está certa nisso.

Como não mencionar a realidade de nossas escolas com a questão das salas super lotadas? Como fica a situação do professor que não tem o devido preparo para lidar com determinadas especificidades. O que acontece, por exemplo, com uma criança autista em uma sala barulhenta? Aliás, salas super lotadas com alunos mal educados e que fazem barulho o tempo todo é o que mais podemos presenciar nas escolas.

A verdade é que “enfiam” alunos especiais nas turmas regulares, muitos apresentam peculiaridades bastante complicadas para se lidar, o professor, porém, deve “se virar nos 30” e dar conta da situação, que se vire!!

Nunca é demais ressaltar que a função do professor **é ensinar**. Ensinar Matemática, Português, Ciências e o reforço dos valores, como já dito anteriormente. Ao contrário do que se diz por aí, professor **NÃO É** psicólogo, nem enfermeiro, assistente social, fonoaudiólogo ou algo desta natureza, professor é professor, é mestre, e não pode ter seu trabalho prejudicado por conta de exigências de um sistema incompetente, sem planejamento, critérios ou política organizacional alguma.

Evidente que o professor é um ser humano, isso não se discute; precisa agir com amor e sensibilidade. Sou professor há quase 20 anos e sei que há momentos em que o profissionalismo fica de lado para que não só o bom senso, como também o sentimento entrem em cena. As questões que critico são a **falta de suporte e de condições** para que o docente consiga desenvolver seu trabalho de forma a obter bons resultados no trato com alunos especiais. Mesmo que seja remunerado por essa questão específica (lecionar para

especiais), isso não resolve o impasse. Não se trata de valor a mais ou a menos no contracheque.

O professor simplesmente é comunicado pela direção da escola, após esta ser notificada pela Secretaria de Educação, que vai receber um aluno especial em sua sala de aula. O professor **não pode questionar**. De vez em quando há algumas “capacitações” para os professores que possuem esse tipo de aluno em sua sala, contudo, não resolvem muita coisa também.

Deixo claro ao amigo leitor que não sou contra crianças com necessidades especiais estudarem em turma regulares. Sou professor, trabalho com um aluno especial, ao atuar como coordenador tive contato com outros alunos especiais. São seres humanos incríveis, que possuem uma motivação e poder de superação incríveis e que muito ensinam a todos. O ponto que aqui ressalto é o fato de que as crianças especiais aprendem de uma maneira diferente, assim, a metodologia precisa ser diferente. A inclusão desses alunos no ensino regular faz com que a legislação seja cumprida, em contrapartida, muito se deixa a desejar na prática, salvo uma escola ou outra. Nesse sentido, penso que os alunos com necessidades estão sendo desrespeitados, pois, apenas colocá-los em uma sala de aula regular **não é incluir**. As crianças especiais precisam estudar em escolas que respeitem suas diferenças e dificuldades havendo estratégias significativas para isso, do contrário, essas crianças apenas passarão por constrangimento, e é claro, o trabalho do professor aumentará ainda mais, visto que não se dispõe das habilidades e requisitos requeridos para enfrentar um desafio gigantesco como este.

Adentrando agora a outro tema relacionado à hipocrisia no sistema educacional: o discurso da “valorização” do professor. Muito já foi falado no capítulo *O desprestígio do professor*, por isso, apenas complementarei este tópico. É um assunto que só de mencioná-lo, torna-se desgastante; acredito que quem é professor entende o que exponho neste momento e concorda comigo quando se trata dos discursos dos governantes acerca do professor. Para a nossa reflexão, vou apenas deixar o registro de uma fala da ministra de educação da Finlândia, um dos países mais desenvolvidos em Educação no mundo, Jaana Palorvaji. Quem sabe os governantes daqui aprendem com ela:

“Professor tem que ser valorizado. O sucesso finlandês no PISA não tem nada a ver com métodos pedagógicos revolucionários, uso da tecnologia em sala de aula ou exames gigantescos (como Prova Brasil, Enem ou Enade). Pelo contrário, a Finlândia dispensa as provas nacionais e aposta na **valorização do professor e na liberdade para ele poder trabalhar**. Os alunos não têm muita lição de casa. Também temos menos dias letivos que os demais países, **acreditamos que quantidade não é qualidade**. Fé e confiança tem papel fundamental no sistema finlandês. Descentralizamos, **confiamos e damos**

apoio, assim que o sistema funciona. **O controle não motiva o professor a dar o melhor de si.** É simples, somos pragmáticos, gostamos de coisas simples.” Sistemas apostilados, que mediorizam o trabalho do professor, não cabem na Finlândia, bem como programas de remuneração por mérito. A Finlândia investe um patamar próximo a 6% de seu PIB em educação pública. O sistema de educação gratuito não sai tão caro assim, é uma questão de organização. Em média, o professor ganha cerca de 2 mil Euros (R\$ 8 mil). (conferir em <https://profemarli.com/as-lico-es-da-finlandia-para-o-brasil>).

Está comprovado que a valorização do professor deve ser o ponto principal para a melhoria da educação de um país.

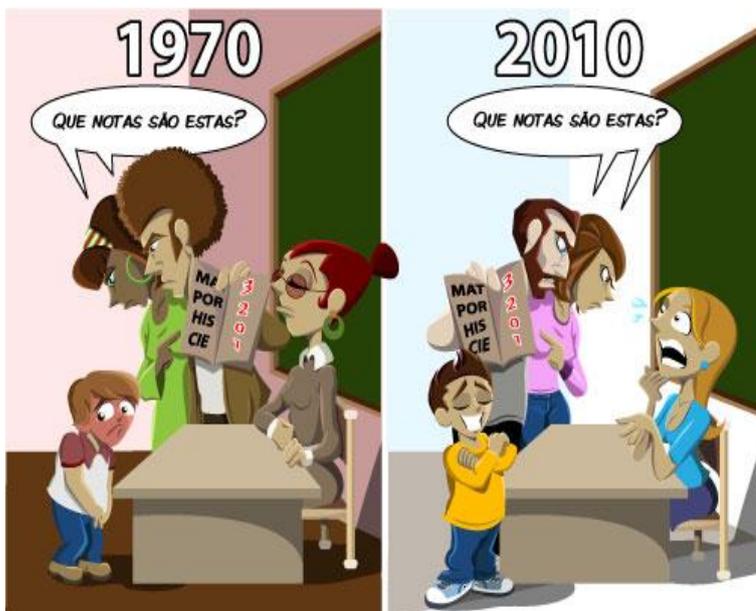
Outra questão relacionada à hipocrisia na área educacional diz respeito aos lemas propostos pelo sistema, como por exemplo: “nossa missão é formar cidadãos críticos e conscientes”. O Estado não tem nenhum interesse em que alguém seja crítico, muito menos consciente de seus direitos e que lute mediante o conhecimento desses direitos pelo que é certo e que tenha posicionamentos. Para o Estado, a expressão *liberdade de expressão* é apenas uma espécie de artifício demagogo. O governo quer o povo alienado, “encabrestado”, sem conhecimento, sem espírito crítico. E falando em espírito crítico, é interessante que esse é outro jargão utilizado pelas autoridades educacionais: “escola sem pensamento crítico não é escola”. Isso é verdade, porém, se escola é lugar onde o pensamento crítico deve estar presente, é necessária a compreensão de que tal pensamento se forma quando existe a análise e exposição de todos os lados acerca de um assunto para que uma opinião seja formada, mas, nem sempre é isso que acontece. O discurso das autoridades de ensino é hipócrita não havendo concordância com o que de fato desejam que aconteça em sala de aula: um falso ensino.

Muitos professores, mas, muitos mesmos, são os primeiros que não se valorizam e se abdicam da utilização do conhecimento e deixam de lutar por seus direitos, se sujeitando às vontades dos governantes. Parece que não compreenderam ainda que as autoridades governamentais são servidoras do povo. Muitos docentes ensinam que o cidadão deve ser crítico e consciente, mas, são os primeiros a estampar a política da hipocrisia: para citar um exemplo, é costumeiro vermos professores que deixam de reivindicar seus direitos para não terem que contrariar político A ou B; e, quando por ventura a classe inicia uma reivindicação na tentativa de alguma melhoria, basta os referidos políticos, parlamentares ou gestores “molharem a mão” de alguns ou fazerem alguma ameaça, que estes cedem facilmente fazendo com que o grupo perca força e, conseqüentemente, seja vencido. Muitos desses professores, quando estão lecionando dizem para seus alunos: “devemos lutar pelos nossos direitos!”

Há também a hipocrisia por parte de muitos diretores e aqui poderia fazer inúmeros comentários, mas, para não estender muito, vou apenas reforçar que essas tais autoridades educacionais que de igual modo se consideram formadores de opinião, se submetem a todos os caprichos possíveis por parte dos gestores executivos (municipal e estadual) tendo, por exemplo, que participar de todos os movimentos em época de campanhas eleitorais prestando apoio e “levantando bandeira” para os candidatos indicados por esses gestores. É de ficarmos perplexos com tamanha autonomia, autenticidade e demonstração de luta desse pessoal por aquilo que dizem defender (entenda a ironia, por favor). É espantoso o grau de alienação desses “profissionais” da educação que cumprem à risca a função que lhes foi designada: “cargos de confiança”.

Poderia continuar relatando muitas outras situações como, por exemplo, os Órgãos Colegiados. O Conselho Escolar, por exemplo, que possui função fiscalizadora, em muitas escolas é composto por pessoas que não compreendem bem suas funções, muitos nem mesmo sabem por que foram escolhidos para estarem ali representando determinado segmento. Em cidades pequenas, por exemplo, há escolas em que as pessoas escolhidas “democraticamente” para fazerem parte de um colegiado possuem ligação direta com o prefeito, seja por forte vínculo ou por possuir algum cargo. Acredito não haver necessidade de concluir o pensamento...

Pra completar essa desastrosa situação, as famílias, (não generalizando, é claro) também tem sido extremamente hipócritas: “tiraram o corpo fora”. Hoje, os pais não são mais parceiros da escola. Tem aqueles que agem mais como super protetores, tem os que nada analisam acerca do contexto educacional sendo totalmente mal informados e, ainda assim querem mostrar que estão inteirados. O pior de tudo e mais lamentável ainda é ver que boa parte do alunado não está na escola porque possui algum foco ou almejam conquistar algo no futuro através dos estudos, não. Estão na escola simplesmente porque esses pais irresponsáveis só pensam nos “benefícios” que são dados pelo governo através da comprovação de suas frequências. Em fim, são pais que não educam os filhos, sem falar que na primeira oportunidade que tem, “encurralam” o professor que porventura desagrade a sua criaturinha ao simplesmente requerer respeito da mesma em sala de aula.



Assim, o “lamaçal” de hipocrisia cresce cotidianamente no contexto educacional.

Todos os grifos são meus.

Educação doutrinadora

*A École Normale Supérieure [Escola Normal Superior] em Paris foi um importante centro de ensino marxista. Lucien Herr (1864-1926), o bibliotecário, foi muito influente. Ele foi o pai do marxismo francês. Como antigos estudantes da École Normale foram se tornando cada vez mais importantes, a instituição **espalhou o marxismo** por toda a França em geral, **a mesma situação se impôs pela maior parte dos países europeus. Quando as universidades pareciam lentas na aceitação do marxismo, investia-se em escolas especiais para educar as novas gerações na ortodoxia socialista.** (MISES, 2016, p. 62, 63). – retirado do livro: *Marxismo Desmascarado*. – os grifos são meus.*

Para iniciar esse assunto, quero começar definindo o termo *doutrinação*. De acordo o dicionário do *Google*, *doutrinação* significa: ato de doutrinar, enquanto que *doutrinar* é **incutir em alguém uma determinada opinião**, ponto de vista ou princípio sectário; inculcar na mente da pessoa uma crença ou atitude particular, **com o objetivo de que ela não aceite qualquer outra**.

Esta é uma das questões que tem sido muito discutidas referente à decadência da educação no Brasil: O ensino dos últimos anos baseado nos pensamentos de Paulo Freire tem objetivado o não desenvolvimento da intelectualidade da pessoa de forma que ela apenas absorva (para crer e defender veementemente) apenas um determinado ponto de vista, sendo-lhe ocultado os outros pontos. Particularmente, após fazer algumas análises, concordo que de fato tem havido sim uma doutrinação escolar: mais comedida no ensino primário e Fundamental II, onde é possível observar um ensino totalmente distorcido acerca da história do Brasil; com mais destaque no Ensino Médio e fortemente pregado nas universidades onde há forte propagação do sistema de ideias dos partidos de esquerda que apóiam os princípios comunistas.

Compreendida a ideia de doutrinação, voltarei a mencionar Paulo Freire. Por quê? Porque o modelo de ensino vigente no Brasil, conforme já mencionado, é baseado nos ensinamentos e métodos do patrono da educação brasileira, conforme estabelece a Lei 12.612 de abril de 2012.

Muitos são os estudos já realizados por entendidos, amantes e dedicados à questão educacional no Brasil que comprovam que o método Paulo Freire tem propósito doutrinário, ou seja, trata-se de um modelo de ensino que pretende implantar nos receptores um determinado tipo de pensamento de forma que os mesmos não aceitem e nem mesmo se

deem ao trabalho de analisarem um pensamento contrário, um método que visa “prender” o estudante naquilo que lhe é apresentado.

*É difícil negar que a derrocada do pensamento e o massacre dos inocentes foram planejados desde longa data, que o delírio escolar e o desalento do ensino são a culminância de **um processo revolucionário empreendido, com muita lucidez, desde quase um século.** (BERNARDIN, 2012, p. 144). - A RESPEITO DO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DO MARXISMO NAS ESCOLAS EM ESCALA MUNDIAL.*

Paulo Freire era leitor assíduo de Karl Marx. Aqui não entraremos em detalhes acerca de Marx, seus estudos e ensinamentos, apenas uma menção rápida sobre esse ídolo de Paulo Freire e idealizador de uma filosofia que tem permeado a humanidade ao longo dos tempos. Para melhor entendimento acerca de quem foi Karl Marx recomendo a obra de Ludwig Von Mises: *Marxismo Desmascarado*, bem como os documentários realizados pela equipe do *Brasil Paralelo*. O canal *Brasil Paralelo* é encontrado facilmente no site de compartilhamentos de vídeos na internet: o *you tube*.

Pois bem, ao pesquisar sobre Karl Marx, em ferramentas como a *Wikipédia*, por exemplo, certamente você encontrará informações que relatarão ter sido ele um importante revolucionário e intelectual alemão, fundador da doutrina comunista moderna, filósofo, economista, historiador, jornalista, teórico político, dentre tantos outros títulos. Marx é uma grande referência para muitos filósofos contemporâneos e professores universitários. A grande maioria dos livros de história ligados ao ensino escolar e, principalmente, às universidades, apresenta Marx como uma referência; muitos historiadores e filósofos (comunistas, é claro) divulgam a figura de Marx quase que como um ser divino, uma ideia a ser seguida, todavia, muitas celebridades históricas **não são os heróis que a escola e mídia sempre divulgaram**, certamente esse é o caso de Karl Marx. Uma busca mais detalhada através de outras fontes, ainda que não tão aclamadas pela grande mídia, mas, com conhecimento histórico apurado, como por exemplo, Olavo de Carvalho, Thomás Giulliano, Percival Puggina, Rafael Nogueira, entre outros, vai nos revelar quem de fato foi Karl Marx.

Não se ensina em nossas escolas o que foi o comunismo e o mal que o mesmo causou à humanidade. O genocídio em grande escala consumado em países como a antiga União Soviética, China, Vietnã e Coréia do Norte são apenas alguns pontos aterrorizantes de destaque que o comunismo representa. Karl Henrich Marx (1818 – 1883) foi comunista e é considerado o pai do socialismo, idealizador do marxismo cultural: um ensino que prega

que o Estado deve ter o **controle total** de tudo e de todos. No caso da educação, inclusive, dizem que esta deve vir do Estado, **e não da família**.

De acordo o economista e político Rogério Marinho:

*Há uma espécie de hegemonia do pensamento na formação dos nossos professores alfabetizadores, **começa em meados da década de 80**, essa formação está no cerne do desequilíbrio educacional brasileiro; **os professores são formados nas universidades para aprender quem é Paulo Freire, Emília Ferreiro, quem é Marx, Lenin, mas não tem a percepção do que é metodologia de ensino com evidência científica como ocorre no mundo inteiro, e isto não é por aças..** Nossas universidades estão majoritariamente dominadas pelo pensamento marxista, e, nelas, são formados os professores e avalizados os livros que são distribuídos para as escolas de todo o país. - o grifo é meu.*

Ainda sobre Marx, dentre muitas afirmações assustadoras de sua parte, uma que chama a nossa atenção certamente é aquela em que ele dizia que as raças, ou classes (termo muito utilizado no marxismo) eram fracas demais para conduzir as novas condições de vida, e que deviam, portanto, perecer no holocausto revolucionário (Marx, 1853).

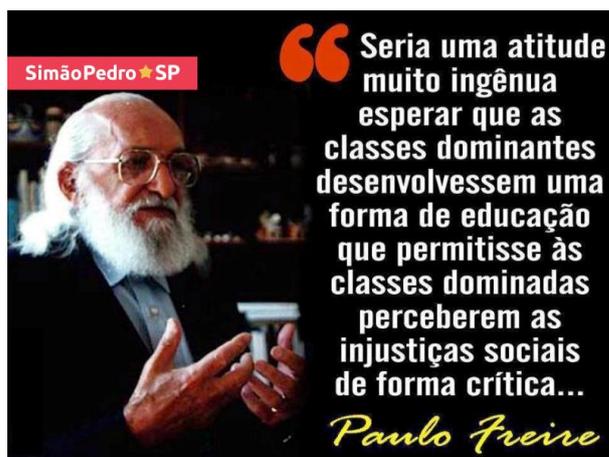


imagem da internet

O cerne do comunismo é a doutrinação econômica e política dos povos por meio de uma ideologia igualitária, objetiva o capitalismo para a elite e igualdade social (pra baixo) para a população, o socialismo.

*A Nova Ordem Mundial instala seus representantes sobre cada continente e em cada país. Assim, cria-se uma casta de tecnocratas separada do povo. Decerto, a sociedade deve ser, segundo os ideológicos globalistas uma sociedade dual. Trata-se aqui de um conceito de base sem o qual não é possível compreender as reformas em curso no setor de ensino. Sociedade dual: os dirigentes e os dirigidos, a elite e o povo. Há quem diga: **os senhores e os escravos**. (BERNARDIN, 2012, p. 147).*

*Em 2008, a revista Veja publicou uma pesquisa que foi realizada pelo instituto Censur que comprovou que de fato as escolas e as universidades estão sendo usadas para fins políticos e para doutrinação. A pesquisa mostrou que 80% dos professores reconhecem que seus discursos em sala de aula são politicamente engajados. Números impressionantes que corroboraram outra pesquisa feita em 2004 pela Unesco. Os dados dessas duas pesquisas são convergentes e **mostram** que para 78% dos professores da Educação Básica no Brasil **a principal missão da escola é formar cidadãos e, para apenas 8% é transmitir conhecimentos**. O professor é um servidor público, um agente do Estado. De acordo a Constituição de 1988, o Estado brasileiro é politicamente neutro. A constituição prevê o princípio da neutralidade ideológica, política e religiosa do Estado. (Miguel Nagib – advogado e líder do movimento Escola sem Partido).*

Marx é o pai do socialismo, e, sobre essa doutrina, “irmã” do comunismo, o que podemos compreender é que se trata de um método que propõe a quebra de identidades, a mistura de culturas, a criação de movimentos populares que são usados pelo Estado como massas de manobra e a doutrinação dos povos de forma a se submeterem aos princípios do sistema se opondo aos conceitos nacionalistas e patrióticos de uma nação.

Muito do que se é ensinado nas universidades tem como base o marxismo, a maioria dos conteúdos didáticos escolares de disciplinas como História, Arte, Ciências e Geografia são amparados pelo marxismo. Pior de tudo: muitos professores, infelizmente, são marxistas, ainda que nem saibam quem foi Marx e nem mesmo tenham ouvido falar a seu respeito, suas atitudes e posturas os entregam.

O socialismo, do qual Marx foi o idealizador, é intimamente ligado ao comunismo que matou mais de cem milhões de pessoas no decorrer da história em países como China, Alemanha, Vietnã, Camboja, União Soviética, Coreia do Norte, entre outros, mas esta parte da história não é encontrada nos livros de História do Ministério da Educação. A razão é simples: não é de interesse do sistema de controle ideológico que as pessoas saibam o “pano de fundo” da história; a formação de cidadãos críticos e pensantes não favorece em nada aos interesses do Estado, querem mesmo cidadãos alienados e doutrinados.

Para saber mais sobre os ideais do comunismo, doutrinação das massas e difusão do socialismo no Brasil e no mundo, recomendo ao amigo leitor que investigue e estude determinados assuntos e personalidades: Emanuel Kant, Friederich Heigel, Dialética histórica, Teoria da revolução, Vladimir Lenin, Joseph Stalin, holodomoro, Mao-Tsé-Tung, Sociedade Fabiana, Partido Socialista Alemão, Antônio Gramsci e o gramscismo (esse é de suma importância que você estude e terá a exata compreensão da questão da educação doutrinária!), Felix Weil, Teoria crítica, Desconstrucionismo, Saul D. Alinski, Fidel Castro e Foro de São Paulo. São conteúdos de extrema relevância para seu entendimento acerca dessas questões (e que você não encontrará nos livros de História do MEC).

Voltando ao nosso foco que é Paulo Freire: depois desse relato, não fica difícil saber quais foram os intentos do patrono da educação brasileira, uma vez que ele foi grande admirador de Marx. Assim como Karl Marx, pai do socialismo e um dos precursores do comunismo moderno era defensor e propagador de uma orientação com base no controle doutrinário das massas, de igual modo, Freire sempre compactuou dessa mesma visão.

Os simpatizantes e defensores de Paulo Freire, porém, para “abafar” essas verdades ainda insistem em dizer que Freire foi sim um revolucionário da educação no Brasil e que esses que tem se colocado contra seus métodos apenas deturparam sua imagem. Acreditar nisso é simplesmente estar querendo enganar a si mesmo ainda que já tenha descoberto toda a verdade.

De acordo divulgação recente do Banco Mundial, o Brasil precisará de pelo menos 260 anos para atingir o nível educacional de países que são desenvolvidos em leitura. Algo alarmante.

O grande problema que ocorre no ensino brasileiro está naquilo que chamamos de base; é ainda na base ou primeiro ciclo do ensino fundamental (1º ao 3º ano) onde acontece (ou deveria acontecer) a alfabetização, todavia, não é isto que tem ocorrido. Nossa educação se aprofunda no caos, e, para a coisa ficar ainda mais tenebrosa, algumas figuras do governo vez por outra dizem em seus pronunciamentos que o Brasil é um modelo em educação, uma pátria educadora! Que não há muita racionalidade e bom senso por parte da maioria dos políticos não é nenhuma novidade, mas dizer que o Brasil é exemplo em questões educacionais aí já é insultar a nossa inteligência.



imagem da internet

O que elevou Paulo Freire? Bem, ele foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no Brasil, o PT; ficou famoso após ter utilizado um método para alfabetizar adultos. Método este que relativamente deu certo. O que acontece é que, segundo alguns relatos históricos, seu sucesso se deu na base do plágio, pois, ao conhecer o trabalho do

professor Charles Laubach, um educador norte americano que criou um método que conseguiu alfabetizar sessenta por cento da população das Filipinas, Freire reescreveu a cartilha de Laubach, mantendo a mesma estrutura, somente trocando os valores de fundo por princípios marxistas, já que Laubach era cristão. A cartilha de Freire começou a circular nos programas de ensino do SESI desde os anos 60.

Foi convidado para difundir sua metodologia depois do período do Regime Militar. Secretário de Educação em São Paulo, seus métodos e ideias foram sendo espalhados. Os ensinamentos de Paulo Freire tem como base o *Construtivismo*, movimento que consiste numa abordagem que afirma que não existe uma educação protocolar onde o professor sabe mais que o aluno sendo o transmissor do conhecimento e o aluno um receptor. A ideia é que professor e aluno construam juntos o conhecimento a partir de uma igualdade, pensamento que vai ao encontro do que pensava o psicólogo suíço Jean Piaget. Há de se salientar, entretanto, que há algumas diferenças entre Freire e Piaget, este, conforme o que já li a seu respeito, fazia suas análises através de dados e pesquisas, buscando formas de promover o conhecimento para o aprendizado das crianças com o objetivo de melhorar o indivíduo como aprendiz, já Paulo Freire, **por ser marxista, nega a autoridade do professor**. Seu ensino tinha como foco a igualdade das classes; em sua concepção, não pode alguém saber mais que outro, o nível de hierarquia é o mesmo entre todos; isso é possível observar em sua obra bastante conhecida por título *Pedagogia do Oprimido e a defesa de uma educação transformadora e libertadora*, aliás, o referido título, mesmo que nas entrelinhas, passa uma ideia de que o professor é o opressor nessa história.

Quem não já ouviu ou leu uma frase bastante conhecida de Paulo Freire que diz: *“não existe saber mais ou saber menos, existem saberes diferentes!”* Esta expressão se tornou clichê entre as autoridades educacionais do Brasil. Boa parte dos docentes do país, sem nem mesmo analisar as coisas vão concordando (e aceitando) tudo que lhes é apresentado como verdade absoluta e palavra máxima para aplicação no contexto educacional. Ainda sobre esta citação de Freire, podemos ver que se trata de uma ideia que não pode ser aceita, é algo ilógico e incoerente, pra não dizer absurdo; dizer que todos sabem em nível de igualdade é afirmar que não há pessoas ignorantes, e que, de alguma maneira, todos são sábios.

Paulo Freire sempre objetivou a transformação da consciência “crítica” para ser usada no campo político. Para ele, a Educação deve ser usada como meio de revolução, inclusive, em uma de suas falas, usa o termo “educação molhada em ideologias”.

Há um comentário interessante do escritor Percival Puggina:

Estamos falando de mais de 50 milhões de estudantes... tratar deste material humano como o Brasil vem tratando é gravíssimo. Há um problema ideológico por trás disso tudo. Qual a necessidade de ensinar matemática a alguém se o objetivo que se quer com aquela pessoa é que ela “mude o mundo”, por que alguém precisa aprender uma regra de três para “mudar o mundo”? E isso está acontecendo graças ao senhor Paulo Freire.

Quando Paulo Freire vem e diz: não há saber mais ou saber menos... “joga” um total desestímulo na pessoa que pretende adquirir conhecimentos. Por que o Brasil não se encontra em um patamar de desenvolvimento considerável em matéria de ensino escolar depois de tantos anos de influência de Paulo Freire? Nunca nem mesmo uma indicação para concorrer a algum prêmio internacional como o *Nobel*, por exemplo. Temos que admitir: a educação brasileira somente retrocede a cada ano. É interessante observarmos que apesar de muito se falar em boa parte das escolas sobre o *despertar o gosto pela leitura*, não há uma cultura voltada para a leitura em nosso país. Então, qual o legado de Freire?

Num país em que o destaque cultural é futebol, cerveja e carnaval, não se pode esperar que haja uma cultura voltada para a leitura. Se nem mesmo os professores são dados à leitura, o que esperar de nossa educação? Para não dizer que os brasileiros não lêem e que não há algo neste sentido, muitas pessoas são atraídas pelas revistas de fofocas, livros de pornografia, fotonovelas, entre outras porcarias. Na verdade, tudo isso só fortalece o analfabetismo cultural.

A verdade é que da maneira como “se faz” educação no Brasil, milhares de pessoas acabam tendo suas potencialidades prejudicadas e o desenvolvimento integral travado. O resultado dos nossos alunos está muito aquém daquilo que deveria ser alcançado.

Penso que a educação doutrinadora ainda é de certa forma algo obscuro para muitos de nós, porém, é real. Fosse perguntado há dez ou quinze anos, por exemplo, aos pais e até mesmo a muitos de nós professores se tínhamos conhecimento disso e se trabalhávamos doutrinação em sala de aula, certamente diríamos que não ou até mesmo confessaríamos desconhecer a temática, todavia, em nossos dias essa verdade tem se revelado, assim, os pais precisam estar atentos e acompanhar continuamente seus filhos e os docentes precisam observar e contestar, por que não, as grades programáticas que a cada ano mudam, onde é possível identificar a presença de conteúdos de características ideológicas.

Penso que o grande objetivo hoje no campo educacional deve ser a promoção do que chamo de “desintoxicação” do *freireanismo* de nossas escolas. Respeito a todos que entendem que o sócio *construtivismo* cooperou em alguma coisa com a educação brasileira,

mas, meu pensamento é diferente em relação a isso. O tempo passou e podemos observar o que temos colhido.

Pedagogia do oprimido: obra prima da subversão cultural: a base da chamada pedagogia crítica, corrente majoritária no ensino brasileiro tanto no ensino público quanto no privado. Método que tira o foco do conhecimento colocando em seu lugar relativismo marxista. (PAULA MARISA – Especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional).

Entendo que uma “desintoxicação” de Paulo Freire não será assim tão fácil, pois, são mais de trinta anos de sócio construtivismo e mudá-lo não será assim “da noite para o dia”, isso sem falar que o mais novo documento que “entra em cena” para ser utilizado como parâmetro de ensino nas escolas brasileiras a partir de 2019, a Base Nacional Comum Curricular, ou como é chamada, BNCC, é um manual “recheado” de ideologias e doutrinação estatal, mesmo que nas entrelinhas, bem condizente com os ideais de Paulo Freire.

A BNCC é um documento que foi trabalhado e analisado durante anos nos bastidores governamentais, desde a época de Fernando Henrique Cardoso, e que se consolidou no governo Dilma Roussef, passando pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que o aprovou. Trata-se de uma unificação curricular que deve ser ministrada em todo o território nacional, nas escolas públicas e particulares. Essa base, conforme ela própria se define, determina o conjunto de aprendizagens intituladas essenciais a que todos os alunos tem direito, apresenta-se através de dez competências gerais que refletem um resumo das aprendizagens essenciais. O documento possui mais de 400 páginas onde são relatados além das competências principais (as 10), todos os conjuntos de habilidades e competências a serem trabalhadas em cada disciplina, que agora devem ser chamadas de componentes (mais uma mudança que é só frescura mesmo) em todas as etapas da Educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Mesmo não tendo lido todo o documento (um livro com mais de 400 páginas precisa ser muito, mas muito atrativo para se reservar tempo para lê-lo, e, falando sério, esse não é o caso), li o suficiente e informei-me a respeito para poder relatar aqui alguns pontos pelos quais entendo que essa base é polêmica, controversa, possui fins doutrinários não tendo como objetivo as aprendizagens essenciais ao contrário do que é dito. Por aprendizagens essenciais entendo ser o aprendizado e desenvolvimento da leitura, escrita, cálculo e reforço dos valores indispensáveis para a vida, e não propagação ideológica. Alguns pontos negativos que destaco em relação a esta base são:

1. As famílias perderão a autonomia sobre os filhos;

2. As escolas não poderão fazer adaptações/mudanças curriculares, como, por exemplo, adequar algo à realidade local, pois, todas as escolas obrigatoriamente terão que ensinar as mesmas coisas;
3. A Base tem como foco o ensino voltado para mudanças comportamentais e de personalidade, dando pouquíssima ênfase ao desenvolvimento do intelecto. Basta observar as 10 competências gerais e suas palavras-chave: *diversidade, diversidade humana, direitos humanos, princípios éticos, inclusão, valorização da diversidade, vivências culturais e valorização das manifestações*. Ainda que esses temas tenham lá suas relevâncias para serem tratados na escola, alguns, inclusive até necessários, como os princípios éticos, as questões culturais do Brasil, respeito às diferenças e combate às atitudes preconceituosas, o problema é o caráter tendencioso que há por trás da temática *diversidade*: o ponto mais crítico está, a meu ver, nas questões de gênero, um dos sub-temas tratado no assunto diversidade. Ainda que sorrrateiramente, a BNCC trabalhará essa questão, que entre todas relacionadas ao aspecto ideológico, é sem dúvida a mais complexa. **Sexualização** de crianças é simplesmente inconcebível. Além do conteúdo voltado para a sexualidade não ser recomendado para o ensino de crianças, o cúmulo da coisa toda é ensiná-las que ninguém nasce homem ou mulher, mas que cada um deve construir e descobrir sua identidade no decorrer da vida, devendo, portanto, **experimentar** todas as formas de sexualidade possíveis até encontrarem seu gênero. Um absurdo! A escola não deve se envolver nestas questões. Primeiro porque se trata de um assunto exclusivo para pai e mãe, segundo, que incentivar a criança a se envolver em qualquer experimentação ou formas de sexualidade consiste em crime de pedofilia, é alienação e aliciamento de menor. Não ser favorável à temática de gênero e sexualidade em sala de aula, principalmente, no caso das crianças, onde sou veementemente contrário, não é apenas uma questão de ter mentalidade conservadora, visão retrógrada e desatualizada ou ser contrário ao debate das “pautas sociais”, como dizem os que defendem a inserção desses conteúdos no âmbito escolar infantil, é apenas uma questão de humanidade e respeito, principalmente com a inocência de nossas crianças! A escola tem outros assuntos muito mais importantes para se preocupar no que tange o desenvolvimento e aprendizado infanto juvenil.

Uma coisa é trabalhar temáticas das Ciências Biológicas como *Aparelho Reprodutor, Anatomia, Puberdade, Fecundação* ou mesmo questões voltadas para a *Ética* como o *Respeito às opções de vida dos seus semelhantes*, inclusive, opção sexual

(isso a partir do 8º ano do Ensino Fundamental) e outra totalmente diferente é **querer ensinar sexo** (a partir do Fundamental I).

Muitos podem enxergar radicalismo de minha parte diante desse posicionamento no tocante à BNCC, mas, pode crer, amigo leitor, o objetivo do trabalho voltado para a ideologia de gênero não é apenas uma questão de debater na escola um problema de caráter social ou combater preconceitos, mas, “abrir as portas” para a sexualização precoce, fazer com que crianças optem em mudar de sexo independente do consentimento dos pais, promoção da pedofilia e imposição da “cultura” de gênero. Tenho dito!



CONHEÇA ALGUMAS COMPETÊNCIAS QUE ABORDAM
DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS NA

BNCC

Competência 7

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, ponto de vista e decisões comuns que **respeitem e promovam os direitos humanos**, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com **posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros** e do planeta.

Competência 8

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, **compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros**, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Competência 9

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e **promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos**, com acolhimento e **valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais**, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, **sem preconceitos** de qualquer natureza.



imagem da internet

*Se nós podemos adormecer a imaginação das crianças, então somos capazes de diminuí-la e transformá-la naquele bloco sólido, seguro e inerte, cuja função será ocupar espaço nas escolas e, um pouco mais tarde, encaixar-se em seu devido lugar na grande pirâmide estatal. **Mas nós não queremos isto!** Nós cremos exatamente o contrário, e agimos de acordo com isso! (ESOLEN, 2017, p. 12). - O grifo é meu.*

4. A BNCC também evidencia o chamado pluralismo de ideias, com base nos ideais de Karl Marx, objetivando a formação de um cidadão que, ao contrário do que muito se diz nas escolas (claro, de forma hipócrita), que deve ser crítico, consciente e altamente capaz de ler, escrever e interpretar, vai apenas apresentar certa

funcionalidade para o mercado de trabalho e se preocupar com questões sobre preconceito, homofobia, aquecimento global e ideologia de gênero.

5. Por fim, vale dizer que a Base é também **anticonstitucional**, ao contrário do que é relatado pelos seus idealizadores quando afirmam que a mesma está amparada na Constituição. Basta uma observação atenta no artigo 24, inciso IX, que relata: União, Estados e Distrito Federal devem legislar **concorrentemente** sobre Educação. Já o artigo 211 fala em **regime de colaboração**, todavia, o que é possível perceber é que a BNCC **foi imposta** diante de todos, não respeitando os critérios supracitados. Para mais informações a respeito desta inconstitucionalização, algumas referências estarão na seção bibliografia, para a análise do amigo leitor. *(todos os grifos são meus).*

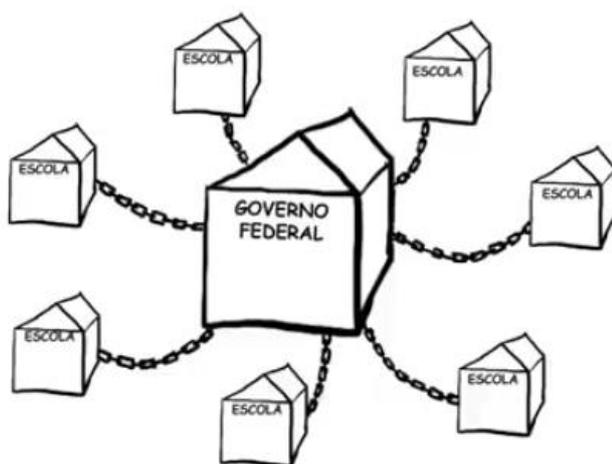


imagem da internet

É evidente que não existe a mais remota possibilidade de alguma “autoridade educacional” do Ministério de Educação, assumir que o construtivismo foi uma tentativa absolutamente equivocada de querer melhorar as coisas e que, na realidade, acabou destruindo o pouco que havia de bom em nosso sistema escolar. (PIAZZI, 2012, p. 29).

Não há dúvidas de que o ensino no Brasil se modificou muito nos últimos anos tomando um rumo nada positivo para os estudantes, pois, o foco tem sido doutrinações estatais, não há como negar isso. É a confirmação de que o projeto do patrono da educação brasileira foi seguido à risca. Atualmente, este conceito se ratifica através do mais novo documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais, a BNCC, que em suas mais de 400 páginas aborda muito pouco no tocante àquilo que de fato

deve ser essencial para o aprendizado do aluno; a ênfase está em questões comportamentais, e não intelectuais.

O resultado da educação que o Brasil proporciona aos nossos alunos está muito aquém daquilo que deveria ser alcançado. Afirmam as autoridades do Ministério da Educação que o objetivo maior da escola é formar pessoas que venham ser agentes de transformação da sociedade. Mas... que tipo de pessoa pretendem que se forme e que tipo de sociedade desejam?

Não há como negar que não existe um contexto ideológico nas escolas. Para citar um exemplo: sempre se ensinou que o período do Regime Militar foi o mais tenebroso que já existiu no cenário brasileiro, mataram milhões de pessoas, houve muita tortura e perseguição, morte de inocentes, proibição da livre circulação do pensamento, supressão de literaturas, entre outros fatos totalmente inverídicos. O período da chamada ditadura militar teve seus insucessos e falhas, obviamente, mas, essa parte da história brasileira sempre foi ensinada nas escolas de forma tendenciosa, uma verdadeira omissão de fatos e falsificação de informações. Em História Geral, por exemplo, ensina-se sobre o nazismo de Hitler, mas omite o comunismo de Lenin, Mao-Tsé-Tung e Stalin; figuras como Che Guevara e Nelson Mandela, por exemplo, foram homens sanguinários e exterminadores de inocentes, capazes de tudo para alcançarem seus objetivos, mas, colocados como grandes heróis revolucionários.

Vi alguém falando certa feita que nunca se ensinou nas escolas nada sobre funcionamento político, como, por exemplo, saber o que faz um senador ou um deputado, ou ainda, um ensino sobre economia. Tudo que se vê é *gramscismo*: propagação dos ideais marxistas e comunistas através do ensino escolar. Se ensina o que interessa e omite o que não convém que as pessoas saibam.

São inúmeros os casos de crianças que chegam em casa com as “cabeças feitas” e passam a contestar os valores e orientação dos pais porque já foram desorientadas dentro da escola. Acompanhar a escola bem de perto, apoiar o Escola sem Partido, observar tudo que se passa no espaço escolar e requerer ensino que não seja tendencioso é também missão dos pais. Não somente pagar a conta! (PERCIVAL PUGGINA).

Para concluir esse assunto referente à educação doutrinadora quero falar sobre o movimento chamado *Escola sem Partido*, criado em 2004, com o objetivo de acabar com o sistema de controle ideológico e censura nas universidades. O Projeto de Lei que leva o mesmo nome consiste em algo muito interessante: que não haja mais no seio escolar um ensino partidarista e parcial onde um professor apresente uma determinada visão política,

que considere ser a melhor, e incentive seus alunos a compactuarem de sua mesma visão. Para o *Escola Sem Partido*, não se deve fazer política partidária nas faculdades e nas escolas, mais precisamente em turmas de Ensino Médio, antes, deve-se falar de política, apresentando todos as visões e propostas existentes, deve-se apresentar tanto um lado **quanto o outro**. O *Escola Sem Partido* é, na verdade, um manual do uso da boa índole no espaço escolar.

As controvérsias são muitas em torno do projeto. Os ideais que o caracterizam são muito bons, porém, a ressalva que faço é que tentar combater a divulgação de pautas ideológicas por meio de fiscalização e fixação de cartazes no espaço escolar pode não ser a melhor forma. Essa ideologização está presente há mais de três décadas, certamente, muitos professores e também estudantes de muitas turmas de Ensino Médio e de Faculdades já estão pré dispostos a refutar o movimento. Acredito que para se evitar este impasse talvez seja mais interessante uma mudança nas grades curriculares acompanhada por um trabalho de bastante conscientização.

(os grifos são meus)

E o *homeschooling*?

Fiz menção de uma fala do professor Olavo de Carvalho como uma das epígrafes desta obra. Diz assim: “*Sabe o que ocasionou todo esse desastre em relação ao ensino no Brasil? A mentalidade criminosa que considera a educação um benefício que o Estado dá ao indivíduo.*”

De fato a maioria das pessoas pensam que só é possível haver ensino/educação através da instituição escola que oferece um currículo elaborado por profissionais vinculados ao Ministério de Educação e que todos julgam serem os mais entendidos no assunto. Toda a estrutura e organização da instituição escola são determinadas pelo Estado.

Todavia, diante do atual quadro em que a educação se encontra, especificamente aqui no Brasil, são muitos os pais que se preocupam com a aprendizagem e educação de seus filhos nos moldes e padrões que eles entendem como os melhores e tem buscado outras formas de ensino para seus filhos. Isso mesmo, estou falando de outras opções além da instituição escola.

Pois bem, esta opção existe e tem sido uma alternativa altamente viável para muitas famílias, com funcionamento já em muitos países, inclusive, aqui no Brasil, apesar de ainda timidamente. Estou me referindo ao *homeschooling*.

Homeschooling como você já deve ter percebido, é uma palavra de origem inglesa, significa *educação domiciliar*, termo utilizado aqui no Brasil.

Trata-se de uma modalidade de educação que se diferencia das outras bem mais conhecidas por todos nós, que são a educação escolar e o ensino à distância. No caso da educação domiciliar, os principais direcionadores e responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem **são os pais do aluno**. Ela não acontece dentro de uma instituição, mas, no seio da própria família, no lar, sendo também aplicada em passeios, junto à vizinhança, entre outras formas. No tocante ao material didático, existem inúmeras variações relacionadas como as rotinas, sequenciação de conteúdos, atividades e avaliações. É verdade que estamos falando de um tema polêmico, inclusive, o MEC já se manifestou contrário.

A educação domiciliar vem do movimento internacional denominado *homeschooling* que ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970 com a Reforma Educacional; em Portugal se chama Ensino Doméstico.

No Brasil, como já dissemos, a legislação é resistente quanto ao ensino domiciliar, aliás, segundo a lei, esse tipo de ensino é ilegal. De acordo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), os pais devem matricular a criança em uma escola. Na Constituição de 1988, entretanto, há margem para uma interpretação diferente, nela diz que a educação é dever do Estado **e da família**. Assim, podemos questionar se somente o Estado é quem deve escolher e determinar como nossos filhos devem ser educados e o que deve ser ensinado a eles.

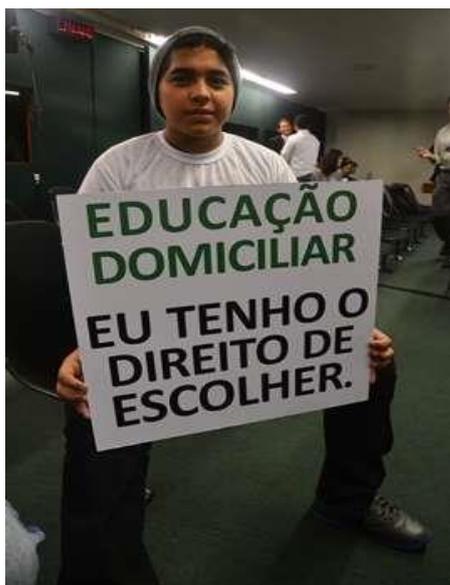


imagem da internet

Segundo Consuelo, advogada, mestra em Direito e ativista dos direitos das pessoas com deficiência:

*A constituição é clara: a Educação é dever do Estado e da família. Se o Estado não garante condições de igualdade para acesso e permanência na escola, se o Ministério Público não se preocupa com o acesso e a permanência de crianças com deficiência na escola, não podem exigir a matrícula de ninguém! Quando recorri às autoridades, foram inoperantes. Por quê? **Se família tem melhores condições de educar que o Estado, não pode uma lei infraconstitucional obrigar que o indivíduo tenha uma educação inferior ferindo seu direito inalienável à educação – cabe aos pais escolher a melhor educação a cada momento.***

Embora a fala de Consuelo seja direcionada para a questão de reivindicar os direitos de crianças deficientes, ela também se refere a uma reivindicação no sentido de se buscar o melhor modelo de educação para nossos filhos. Se a família oferece condições tão boas (ou até melhores) quanto às do Estado, por que não educar seus filhos da maneira que entende

ser a melhor? É para se analisar. Como diz um autor desconhecido: **“não importa o quanto boa seja uma escola, o lar é sempre o melhor lugar para se aprender!”**

No *site* da ANED (Associação Nacional da Educação Familiar) podemos encontrar com mais detalhes todas as informações referentes à Educação Domiciliar. É preciso que fique claro que a educação domiciliar não pretende extinguir a escola, mas, ser outra opção, convivendo com ela e com o Ensino à distância (EaD).



imagem da internet

Vale também salientar que tramita na câmara dos deputados o Projeto de Lei (3.179 de 2012) do deputado federal Lincoln Portela que altera a LDB admitindo a educação familiar com o acompanhamento do Estado. Verdade é que muitas famílias, média de duas mil em todo o Brasil, já tem adotado o *homeschooling* parcial e os relatos são super positivos: crianças que tem aprendido normalmente, se sentem seguras, com desenvoltura, fazem amizades, convivem normalmente.

Para o educador norte americano Jonh Holt, as crianças aprendem a partir de qualquer coisa e de tudo que veem, onde quer que estejam, não apenas em locais especiais denominados ambientes de aprendizagem.

A história mostra que muito antes da criação da escola, as crianças eram educadas no seio familiar, ou seja, sempre houve o *homeschooling*.

Quando um pai, por se preocupar com a aprendizagem e desenvolvimento intelectual de seu filho, busca apoio e outras formas de ensino amparadas por outro tipo de currículo diferente do que é trabalhado nas escolas, para ensiná-lo, mostrá-lo o que é importante para sua aquisição de conhecimento e vivência no mundo deve realmente ser apontado como alguém que está abandonando intelectualmente seu filho, conforme prevê a legislação brasileira? Penso que de forma alguma é abandono, mas, justamente o contrário: esse pai está lutando por um direito que possui em ofertar o melhor tipo de educação possível para seu filho.

Você pode até discordar, mas, tem sido evidente que o interesse do Estado, através do método de funcionamento do sistema educacional atual tem promovido uma educação uniforme, onde não há desnivelamento, onde os estudantes adquirem uma mesma visão e pensamento em comum e o *homeschooling* vai na contramão disso tudo. Um dos

argumentos que o Estado utiliza contra a ideia de educação domiciliar é a necessidade de socialização, que teoricamente, segundo ele, o estudante só pode vivenciar na escola, entretanto, como já citado aqui, a criança, adolescente ou jovem pode se socializar de várias outras maneiras, sem necessariamente que seja em uma instituição considerada ambiente de ensino, pois, os mais diversos locais, não somente a escola, podem ser lugares em que a aprendizagem acontece.

Os grifos são meus.

8

Palavra Final

Tenho uma recordação da época em que estudava, acredito ter sido na 5ª ou 6ª série, não me lembro bem, onde desenvolvi um trabalho, uma produção textual com a temática: “A escola ideal”: relatar qual seria a escola dos meus sonhos.

Não sei dizer com precisão o que discorri naquela redação, mas, esse assunto (a escola ideal), coincidentemente, “caí como uma luva” para ser utilizado como fechamento deste instrumento de leitura que, como já mencionado, tem a intenção de provocar a reflexão no amigo leitor.

Depois de relatar observações e críticas a respeito da situação vivenciada pelo nosso sistema de ensino nos últimos anos, nesta conclusão concentrar-me-ei em relatar como deveriam ser nossas escolas bem como o comportamento daqueles que compõem nosso sistema de ensino: a escola ideal.

Pois bem, penso que a escola ideal é aquela que, antes de tudo, seja uma escola sem hipocrisia, com gestores de carreira e que realmente se preocupem com os alunos, que realizem uma política de fato educacional deixando de lado todas as formas de politicagem.

A escola ideal é aquela em que o currículo priorize o ensino dos requisitos básicos para o desenvolvimento do intelecto do aluno; um currículo prático, objetivo e abrangente que realmente dê primazia às aprendizagens essenciais, que em sua elaboração conte com a participação dos pais de modo que possa ser mais condizente com a realidade do aluno. Um currículo sem doutrinações estatais.

A escola ideal é aquela que traça estratégias para envolver a família em seu contexto, pois esta, infelizmente, assim como o sistema de ensino, também mudou para pior: tem negligenciado suas responsabilidades e precisa ser conscientizada de seu papel e missão, porque, como se sabe, pai e mãe são os verdadeiros educadores. Na escola ideal os pais cobram de seus filhos que ajam com o devido respeito para com os professores e que sejam dedicados aos estudos.

A escola ideal é aquela que não implanta ensino em horário integral para as crianças, pois, um período de quatro horas é suficiente para o aluno estar no ambiente escolar e aprender tudo que ele necessita como ler, escrever, calcular, interpretar, ter os valores essenciais reforçados e participar de atividades recreativas e de entretenimento. Não há razão para que a instituição escolar ocupe todo o tempo da criança/adolescente. É

necessário que haja o tempo de casa, da família, do lazer, ou ainda que seja, o tempo de não fazer nada, o que não pode é o contato da criança com os pais ser restringido.

Os tormentarios modernos inventaram um sistema que combina as virtudes das antigas escolas de elite com as virtudes da era das máquinas. O truque está em removê-las tanto de seus pais quanto de seus companheiros. Agora, as crianças dormem em casa, mas quase não vivem ali. Elas levantam muito cedo pela manhã para subirem em um ônibus que pára a cada cem metros para apanhar novos passageiros. Isso garante que nenhuma criança tenha de caminhar longas distâncias, e que a viagem no ônibus tome aproximadamente uma hora da manhã e uma hora da noite. Isso significará que serão tiradas quase duas horas da vida da criança, sem nenhum propósito real, dia após dia ao longo de doze anos – uma conquista significativa. Então, a criança é enviada para o que chamam de “lar escolar”. Centenas de crianças são encaixotadas e desencaixotadas em um único lugar todos os dias. Após seis ou sete horas disso, interrompidas por alguns minutos para enfiar goela abaixo algumas calorias e reabastecer a máquina, a criança é transmitida novamente ao ônibus para uma viagem de uma hora até quilo que é chamado, novamente com humor deliciosamente irônico, de “lar”. Como não há ninguém em casa à sua espera, ela liga a televisão para assistir a algum programa que não lhe desperta o menor interesse; isto é chamado de “lição de casa”. E assim sua vida segue, ano após ano. (ESOLEN, 2017, p. 77 e 78)

A escola em tempo integral reduz a participação ativa dos pais. Os pais precisam estar aptos a conquistarem um tempo de qualidade com a criança, pois, uma vez que não ocorra a atenção adequada dos pais, os danos podem ser enormes, principalmente, na esfera emocional. A criança precisa dos pais como referência. Além de tudo isso, há de se destacar que para o êxito de um trabalho que exige que a criança fique maior tempo que o normal na escola é necessário planejamento, estrutura, recursos, diversas estratégias, inclusive, a inserção da família. O aluno precisa passar tempo com sua família e o Estado não pode lhe privar desse direito. Como já foi dito: a escola não educa, ela instrui, prepara, orienta. Educadores são pai e mãe.



A escola ideal é aquela em que os professores são respeitados. Respeitados pelo sistema. Um sistema que lhe dê todas as condições de trabalho, que invista neste

profissional em todos os âmbitos, inclusive, ou principalmente, no financeiro. Respeitados pelos alunos. Alunos que possam ver em sua figura um mestre, alguém que certamente contribuirá para seu futuro de sucesso, e sucesso aqui não diz respeito a estudar em uma faculdade conceituada e ser bem sucedido financeiramente no futuro; embora isso também seja importante, o verdadeiro sucesso está na obtenção de um caráter irretocável.

A escola ideal é aquela em que não há discriminação ou tratamentos diferenciados por parte dos gestores, professores e demais profissionais da educação em relação aos alunos.

A escola ideal é aquela que visa desenvolver as potencialidades do aluno, que procura prepará-lo para enfrentar as dificuldades do mundo atual, que ensine-o matérias e trabalhe os conhecimentos gerais. Uma escola em que não há super lotação de alunos em uma mesma sala de modo que o professor consiga desenvolver seu trabalho de forma mais positiva; se bem que se os alunos forem educados e respeitosos, a quantidade de pessoas em uma sala de aula não será empecilho para que o docente realize seu trabalho com êxito.

Em fim, uma escola que trate o ensino com seriedade. Uma escola que proporcione uma educação de qualidade, e aqui, não me refiro a um *slogan*, uma frase de efeito apenas, mas, educação de qualidade **na prática**: que proporcione conhecimentos para que o sujeito se desenvolva social e profissionalmente. Essa é a escola ideal!

Evidente que descrevendo assim parece fácil, mas não é, eu sei disso, entretanto, o primeiro passo precisa ser dado para que nosso sistema escolar possa mudar de patamar e sair da lastimável e até humilhante posição em que se encontra. Esse primeiro passo se concretiza a partir do momento em que você e eu façamos nossa parte: acompanhando, cobrando, investindo, estudando e denunciando os erros existentes.

Tudo por uma pátria que no futuro realmente seja digna de ser considerada educadora!

O grifo é meu.

Bibliografia

ANED – **A Educação Familiar**. Em: <https://www.aned.org.br/>. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FAMILIAR. Acesso em outubro de 2018.

BERNARDIN, Pascal. **Maquiavel Pedagogo: ou o ministério da reforma psicológica**. 1ª edição – CETED. Rio de Janeiro, 2013.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em setembro de 2018.

ESOLEN, Anthony. **Dez maneiras de destruir a imaginação de seu filho**. 1ª edição. Abril de 2017. CEDET.

MISES, Ludwing Von. **Marxismo Desmascarado**. 1ª edição. Outubro de 2016. CEDET.

NOCK, Albert J. **Nosso Inimigo: O Estado**. 1ª edição. Julho de 2018. CEDET.

PIAZZI, Pierluigi. **Aprendendo Inteligência**. Manual de instruções do cérebro para estudantes em geral. 2ª Edição, Aleph. São Paulo, 2012.

PIAZZI, Pierluigi. **Ensinando Inteligência**. Manual de instruções do cérebro de seu aluno. 2ª Edição, Aleph. São Paulo, 2012.

PIAZZI, Pierluigi. **Estimulando Inteligência**. Manual de instruções do cérebro de seu filho. 2ª Edição, Aleph. São Paulo, 2012.

Links da internet:

<https://educacao.uol.com.br/biografias/paulo-freire.htm>

<https://www.institutoliberal.org.br/blog/paulo-freire-e-o-assassinato-do-conhecimento/>

<http://estudareaprender.com/aprendendo-inteligencia-7-ensinamentos-do-prof-pier/>

<http://www.boaglio.com/index.php/2016/03/22/o-legado-de-pierluigi-piazzi/>

<http://www.cmvd.org/alerta-bncc-e-suas-implicacoes-na-educacao-brasileira/> - Se informando sobre a BNCC.

https://youtu.be/E_MB4KhseI4 - anticonstitucionalidade da BNCC. Análise.

<http://www.deolhonosplanos.org.br/bncc-aprovada-genero-orientacao-sexual/>. Sobre a BNCC.

<https://youtu.be/4BTi9XILcrw> - DOUTRINAÇÃO ESCOLAR: sobre os livros infantis: *Enquanto o sono não vem e O menino que espiava*.

<https://youtu.be/Vj1wXI-9fUU> - O plano por trás do ENEM.

<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/966283.pdf> - Projeto de Lei sobre Educação Familiar.

<https://blog.keeplearning.school/conteudos/homeschooling-o-que-nao-te-disseram-sobre-ensino-domiciliar>.

<https://youtu.be/GWaTn2I-WvE> - O socioconstrutivismo e a educação!

<https://youtu.be/-P3MLACvXA8>- sobre o “sucesso” do método Paulo Freire.

<https://youtu.be/KBf911VcHBM> - Paulo Freire exalta Karl Marx.

Sobre o autor



Alexsander Joaquim de Oliveira, professor, é casado com Marli Silva, pai de dois filhos: Joabe e César. Nasceu em São Paulo - SP, em 1980.

Concluiu o Ensino Magistério em 1999. Formado em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Luterana do Brasil (2010), com Especializações em Letras – Língua Portuguesa, pela Faculdade Católica de Anápolis, em 2013, e em Coordenação Pedagógica, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, em 2016.

Além de outros títulos na área educacional, Alexsander também fez alguns cursos no ramo da Teologia. É cristão e conservador, seguidor da doutrina de Jesus Cristo e dos apóstolos, possui aversão à religiosidade e entende que para se alcançar o favor de Deus nenhum tipo de sacrifício é necessário, apenas a fé em Seu Filho. Entende que a base para a compreensão a respeito do Criador e Sua vontade se encontra na interpretação correta das Sagradas Escrituras.

Atua como docente na pequena cidade do interior baiano por nome Ibipitanga. Trabalhou em diversos colégios do referido município, Câmara de vereadores e Secretaria de Educação.

Como profissional da educação, seu objetivo maior é cooperar para a formação de cidadãos capazes, críticos e de intelecto aguçado no que se refere ao desenvolvimento dos pilares básicos e primordiais da Língua Portuguesa, como leitura, escrita e interpretação.

Não tem um sonho específico, mas, sem dúvida, uma de suas maiores vontades é poder contemplar o avanço do sistema escolar brasileiro **na prática**, não apenas na teoria, questão que aborda neste livro.

Para colaborar neste sentido, sempre procurou ensinar com o máximo de empenho possível nas escolas em que atuou, não sendo diferente na que trabalha atualmente, a Escola Padre Aldo Coppola, distrito de Castanhão, em Ibipitanga/BA.

O grifo é meu.

Sugestões de leituras

- Aprendendo Inteligência – *Pierluigi Piazzi*;
- Estimulando Inteligência – *Pierluigi Piazzi*;
- Ensinando Inteligência – *Pierluigi Piazzi*;
- Dez maneiras de destruir a imaginação de seu filho – *Anthony Esolen*;
- Maquiavel Pedagogo – *Pascal Bernardin*;
- Marxismo Desmascarado – *Ludwing Von Mises*;
- Revista Estudos Nacionais;
- Carinho e firmeza com os filhos – *Alexander Lyford-Pike*;
- A escola da infância – *Comenius*;
- Educar para a amizade – *Gerardo Castillo*;
- O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota – *Olavo de Carvalho*;
- A ética da autenticidade – *Charles Taylor*;
- Professor não é educador – *Armindo Moreira*;
- Desconstruindo Paulo Freire – *Thomas Giuliano*
- O livro negro do Comunismo – *Stephanie Courtois, Nicolas Werth*
- Nosso Inimigo, o Estado – *Albert J. Nock*;